

**UNIVERSIDADE REGIONAL INTEGRADA DO ALTO URUGUAI E DAS MISSÕES  
CÂMPUS DE ERECHIM  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

**FABIANE TAINA ULKOVSKI**

**PROCESSO DE VIVÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DE ACADÊMICOS DE  
ENFERMAGEM: PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA ORAL**

**ERECHIM  
2016**

**FABIANE TAINA ULKOVSKI**

**PROCESSO DE VIVÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DE ACADÊMICOS  
DE ENFERMAGEM: PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA ORAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Graduação em Enfermagem, Departamento das Ciências da Saúde da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim como pré-requisito parcial à obtenção do título de Enfermeira.

Núcleo de Estudo em Saúde Coletiva e Serviços de Saúde.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento Humano, Saúde e Educação.

Orientadora: Enf. Esp. Daliane da Silva Bertussi.

Co-orientadora: Enf. Ms. Angela Maria Brustolin.

**ERECHIM  
2016**

**FABIANE TAINA ULKOVSKI**

**PROCESSO DE VIVÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DE ACADÊMICOS  
DE ENFERMAGEM: PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA ORAL**

Trabalho de conclusão de curso,  
apresentado ao Curso de Graduação em  
Enfermagem, Departamento das Ciências da  
Saúde da Universidade Regional Integrada  
do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim  
como pré-requisito parcial à obtenção do  
título de Enfermeira.

Núcleo de Estudo em Saúde Coletiva e  
Serviços de Saúde.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento  
Humano, Saúde e Educação.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Orientadora: Prof. Esp. Daliane da Silva Bertussi

Universidade Regional Integrado do Alto Uruguai e das Missões – Uri/Erechim

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Roseana Medeiros

Universidade Regional Integrado do Alto Uruguai e das Missões – Uri/Erechim

---

Prof. Ms. Luana Ferrão

Universidade Regional Integrado do Alto Uruguai e das Missões – Uri/Erechim

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente a Deus, por nos dar a terra e as ferramentas necessárias para construirmos nossos sonhos, também por dar-me forças para superar as dificuldades ao longo desses cinco anos como universitária.

Ao meus pais, Ronilberto e Deonilse, que desde pequena me incentivaram a estudar, pelo amor e compreensão, por toda a confiança que depositam em mim, além de serem um exemplo de amor incondicional. A minha irmã Cristiane que de forma carinhosa sempre me ajudou, me encorajou e me ouviu em momentos de turbulências. Amo vocês, meu agradecimento em especial é para vocês minha família, minha base, minha vida!

Ao meu namorado Maicon, pelo amor, carinho, paciência e por estar sempre me ajudando, sem medir esforços no que fosse necessário, além de aguentar minhas crises de estresse e compreender minha ausência em alguns finais de semana.

As amigas que a faculdade me deu em especial: Gabriela, Máira e Andressa, por toda cumplicidade, paciência, momentos de estudo, descontração e principalmente por estarem sempre do meu lado em todos os momentos, vocês se tornaram especiais e levarei para sempre, também a minha colega de trabalho e amiga Tainara que foi essencial para que eu conseguisse realizar as atividades, pois sem ela tudo se tornaria mais difícil, por toda compreensão e favores, obrigado por estar sempre disposta, a tua ajuda foi especial.

A esta universidade, direção, administração e ao corpo docente que participou da construção do meu conhecimento, respeitando minhas dificuldades e explorando minhas potencialidades, o meu muito obrigado a vocês.

A minha Co-orientadora Angela, por ter aceito o convite em participar desta pesquisa, por toda colaboração, dedicação, empenho e por estar sempre fornecendo informações necessárias para o desenvolvimento do mesmo, és uma pessoa especial e merece todo o meu agradecimento.

Em especial para a minha orientadora Daliane, por aceitar este desafio, sempre acreditando no meu potencial, por toda paciência, motivação, conhecimento e outras

contribuições. Jamais esquecerei tamanha dedicação, seu nome jamais será esquecido, na minha memória e no meu coração, muito obrigado por me cativar, e me mostrar que sempre temos que ser melhores no que fizemos.

Aos colaboradores deste estudo, nominados Alegria, Desafio, Esforço, Garra e Superação, pela receptividade e por compartilhar todas as vivências que tiveram enquanto acadêmicos, que a história de vocês possa servir de aprendizado e de mudanças no âmbito acadêmico, vocês foram imprescindíveis na realização deste estudo.

Meu agradecimento a todos que diretamente ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado a vocês.

*Perder tempo em aprender coisas que não  
interessam, priva-nos de descobrir coisas  
interessantes.*

(Carlos Drummond de Andrade)

## RESUMO

A formação em Enfermagem é complexa, envolve disciplina e conhecimento científico, considerando que o futuro profissional enfermeiro deve desenvolver, ao longo da sua formação, competências e habilidades específicas para atuar na profissão. Esta pesquisa apresentou como tema As Vivências dos Acadêmicos de Enfermagem durante o período de Graduação, tendo como objetivo geral compreender as vivências dos mesmos no que se refere ao processo saúde/doença durante a sua trajetória acadêmica e como objetivos específicos: identificar os fatores que interferem no processo de aprendizagem dos acadêmicos de enfermagem e descrever de que maneira os acadêmicos de enfermagem conseguem realizar o autocuidado durante o período de graduação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa centrada na história oral temática. Participaram do estudo cinco egressos do curso de graduação de enfermagem de uma universidade do norte do Rio Grande do Sul. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada e posteriormente analisados conforme análise de conteúdo temática proposta por Minayo (2013). Desta forma, emergiram três grandes eixos temáticos: Compreensões da Vida Acadêmica, Processo Saúde/Doença e Formação em Enfermagem. A pesquisa aponta para a necessidade de olhar o acadêmico de forma diferenciada e acolhedora, desde o ingresso na universidade até o suporte nas dificuldades encontradas no decorrer desta etapa de vida, pois é um período repleto de desafios e de vivências enriquecedoras. Espera-se que este trabalho possa contribuir para novas reflexões e estudos no que se refere para o aperfeiçoamento do processo de formação dentro das instituições de ensino.

**Palavras chave:** Formação. Processo Saúde – Doença. Enfermagem.

## ABSTRACT

Nursing formation is complex, it involves discipline and scientific knowledge, considering that the future professional nurse should develop, throughout their training specific skills and abilities to act in the profession. This research presented theme the experiences of nursing students during the graduation period with the general objective of understanding the experience of the same in regard to the health / disease process during his academic career and specific objectives: identify the factors that interfere with the learning process of nursing students and describe how the nursing students can perform self-care during the graduation period. This is a qualitative research centered on thematic oral history. Study participants were five graduates of undergraduate nursing degree from of a north University of Rio Grande do Sul. Data were collected through semi-structured interview and later analyzed according to the thematic content analysis proposed by Minayo (2013). In this way, three major thematic axes emerged: Comprehensions of the academic life, Process Health / Disease and Formation in Nursing. The research points to the need to look at the academic differently and warmly, From joining the university to supporting the difficulties encountered during this stage of life, because it is a period replete of challenges and enriching experiences. It's expected that this work will contribute to new reflections and studies, to improve the formation process within educational institutions.

**Keywords:** Formation. Health Process - Disease. Nursing.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa  
CES - Câmara de Educação Superior  
COFEN - Conselho Federal de Enfermagem  
CNE - Conselho Nacional de Educação  
CNS - Conselho Nacional de Saúde  
DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais  
EEAP - Escola de Enfermagem Alfredo Pinto  
ENF - Enfermeira  
ESP - Especialista  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
MS – Mestre  
OHA - Oral History Association  
OMS - Organização Mundial da Saúde  
PIP - Projeto de Intervenção Profissional  
PPC - Projeto Pedagógico do Curso  
SUS - Sistema Único de Saúde  
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso  
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
URI - Universidade Regional Integrada

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Localização de Erechim no estado do Rio Grande do Sul. ....	26
<b>Figura 2</b> – Objeto Colaborador Alegria. ....	39
<b>Figura 3</b> – Objeto Colaborador Desafio. ....	43
<b>Figura 4</b> – Objeto Colaborador Esforço. ....	49
<b>Figura 5</b> – Objeto Colaborador Garra. ....	54
<b>Figura 6</b> – Objeto Colaborador Superação. ....	58
<b>Fluxograma 1</b> – Percurso da coleta de informações. ....	31

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO.....</b>	<b>15</b>
2.1 FORMAÇÃO.....	15
2.2 FATORES PRINCIPAIS DO PROCESSO SAÚDE - DOENÇA.....	19
2.3 ENFERMAGEM.....	21
<b>3 PERCURSO METODOLÓGICO .....</b>	<b>23</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	23
<b>3.1.1 Método da História Oral .....</b>	<b>24</b>
3.2 LOCAL E PERÍODO.....	25
3.3 PARTICIPANTES.....	27
3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO.....	28
3.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO .....	28
3.6 ASPECTOS ÉTICOS.....	28
3.7 COLETA DE DADOS.....	29
3.8 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	32
<b>3.8.1 Tratamento dos dados .....</b>	<b>32</b>
<b>3.8.2 Análise dos dados.....</b>	<b>32</b>
<b>4 DO ORAL PARA O ESCRITO: HISTÓRIAS DE EGRESSOS DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM .....</b>	<b>34</b>
4.1 COLABORADOR 1 .....	34
4.2 COLABORADOR 2 .....	39
4.3 COLABORADOR 3 .....	44
4.4 COLABORADOR 4 .....	49
4.5 COLABORADOR 5 .....	54
<b>5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>59</b>
5.1 COMPREENSÕES DA VIDA ACADÊMICA .....	59
<b>5.1.1 O ingresso na vida acadêmica: as vivências desta etapa .....</b>	<b>59</b>
5.2 PROCESSO SAÚDE/DOENÇA DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM .....	66
5.3 FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM: DESAFIOS E POSSIBILIDADES.....	70
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>75</b>

<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>77</b>
<b>APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO .....</b>	<b>87</b>
<b>APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....</b>	<b>89</b>
<b>APÊNDICE C – FICHA DE ENTREVISTA.....</b>	<b>93</b>
<b>ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP .....</b>	<b>95</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Atualmente, são claras as mudanças nos aspectos social, ético, econômico e político da sociedade que abrangem de maneira decisiva o ensino superior e exige uma nova visão de formação profissional para fazer frente às necessidades do paradigma educacional. Neste contexto, os processos de formação devem considerar o desenvolvimento profissional voltado para as dimensões éticas e humanísticas, com capacidade de reflexão, crítica e atenção às necessidades da população, a fim de transformar realidades (MESQUITA; MENESES; RAMOS, 2016).

A formação em saúde tem sido pautada no uso de metodologias que visem a eficiência técnica e conhecimento especializado contribuindo para o surgimento de várias mudanças no contexto das academias e propostas de formação acadêmica, estas modificações afetaram também a dinâmica de ensino e aprendizagem (COSTA et al., 2015).

Entende-se que as instituições, no decorrer dos processos de formação devem considerar o acadêmico como um sujeito complexo e que, portanto, suas necessidades devem ser acolhidas sob um olhar integral, inclusive nos aspectos relacionados ao adoecimento físico, mental ou espiritual.

Desta forma, os processos de saúde doença são aspectos da instabilidade das expressões variáveis entre os vários componentes do corpo e o ambiente no qual o indivíduo faz parte. Os processos de formação têm por base numerosas práticas educativas nas quais, podem desenvolver mudanças de comportamento durante este processo de aprendizado (KRUSCHEWSKY; KRUSCHEWSKY; CARDOSO, 2008).

Conforme Silva et al. (2011), os acadêmicos devem prestar atenção nos conteúdos ministrados nas aulas, para ter um bom entendimento, compreensão e desenvolvimento durante o percurso acadêmico no campo de estágio e consequentemente na vida profissional. As complexidades da Graduação em Enfermagem podem influenciar para o desenvolvimento de sentimentos de incapacidade em algumas atividades propostas, tais como correlacionar a teoria com a prática, estágios em diferentes áreas e relacionamento interpessoal nos cenários de prática.

O interesse por esse tema surgiu no decorrer da Graduação em Enfermagem, onde percebi e pude vivenciar, situações de ansiedade, cansaço, desânimo, angústia, insegurança e medo, por parte dos colegas acadêmicos, o que, no meu entendimento, pode influenciar no processo de ensino e aprendizagem. Desta forma, acredito ser de extrema importância compreender os sentimentos vivenciados durante o processo de formação.

Durante a graduação surgem várias situações tais como a sobrecarga de trabalho devido estudar e trabalhar, maternidade, paternidade, doenças, atividades relacionadas à família que, na maioria das vezes, implica num grande esforço do estudante para desempenhar todas as tarefas diárias, o que pode afetar, a saúde física e mental e a qualidade do aprendizado. Este período de aprendizado que percorre desde o início da graduação até a formatura, exige do aluno um esforço mútuo para que concilie tudo e da melhor maneira possível.

Diante deste cenário, a pesquisa teve a finalidade de abordar as vivências dos acadêmicos de enfermagem durante a graduação de enfermagem, identificando os impactos trazidos desse período que perfaz momentos de desafios, preocupações e obstáculos, além de conhecer as estratégias de enfrentamento utilizadas pelos colaboradores diante das dificuldades impostas durante este processo.

Assim, o objetivo do estudo é compreender as vivências dos acadêmicos de enfermagem no que se refere ao processo saúde- doença durante a graduação, e ainda como objetivos específicos identificar os fatores que interferem no processo de aprendizagem dos acadêmicos de enfermagem e descrever de que maneira os acadêmicos de enfermagem conseguem realizar o autocuidado durante o período de graduação. A escolha pelo Método da História Oral neste estudo, visa compreender a vida de cada um deles nesse período cheio de desafios, além de proporcionar para a instituição de ensino novos olhares a fim de que se possa pensar e repensar em estratégias de formação, se assim se considerar necessário. Considerando que o foco da discussão serão as vivências dos acadêmicos de enfermagem, fazem-se necessários buscar novos métodos para qualificar ainda mais a formação e compreender a realidade de cada indivíduo que vivencia esta etapa de vida na perspectiva da história oral, sem deixar de levar em conta a singularidade e a essencialidade do sujeito diante dos processos de saúde/doença.

Acredita-se que a instituição de ensino precisa estar atenta para os acadêmicos no que se refere ao início da vida acadêmica, pois é nesta fase que muitos destes apresentam dificuldades de adaptação, tornando-se necessário um olhar mais sensível durante este processo. Adaptar-se aos novos desafios do mundo acadêmico pode não ser uma tarefa fácil. Esta nova fase, representa em sua maioria adquirir responsabilidades, independência e, por vezes, se afastar do convívio familiar ou de atividades de lazer.

Quando se decide realizar um curso de graduação o acadêmico acredita que está em busca da vocação, da profissão que quer desenvolver, mas nem sempre tem todo o entendimento do que encontrará nesta caminhada, assim, lidar com tais situações que perfazem toda a trajetória da graduação exige um esforço mútuo do estudante e da instituição de ensino.

Diante deste contexto, a presente pesquisa teve como questão norteadora: Quais as vivências dos acadêmicos de enfermagem no que se refere ao processo saúde - doença durante a graduação?

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, serão abordados os temas relacionados à formação na área da saúde, o processo saúde/doença durante a vida acadêmica e as interfaces com a Enfermagem. Espera-se que o leitor possa se aproximar da temática e compreender os desafios e dificuldades que os acadêmicos vivenciam no decorrer da sua trajetória acadêmica e também a entrada no mercado de trabalho.

### 2.1 FORMAÇÃO

A formação educacional segue como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que contempla a formação dos diplomados em diferentes áreas de conhecimento, incentivando o trabalho de pesquisa e promovendo a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos (BRASIL, 1996).

O campo de formação em saúde, vem sendo desenhado e recortado por iniciativas de ordem prática, política e pedagógica que traçam diferentes formas e modos de como se ensina e se aprende a ser profissional. Formar é estar em formação, é produção, é produzir e estar em produção de diferentes formas de ser no mundo, de cuidar de si e do outro e necessita de vários meios, não só conhecimento racional e lógico (ABRAHÃO; MERHY, 2014).

Ao concluir o ensino médio, o desejo da maioria dos estudantes é ingressar no espaço universitário, com o objetivo de concretizar o sonho de ter uma profissão e assim, poder se inserir no mercado de trabalho. Ainda, a entrada no ensino superior corresponde o primeiro projeto de vida profissional, podendo este ser o gerador de crises e desafios pessoais (LIMA et al., 2013).

Para Monteiro et al. (2015), após a conclusão do ensino médio, o graduando passa muitas vezes a ser influenciado por escolher tal profissão, sendo fatores: familiares, escolares, culturais e profissionais que já atuam nessa área. Esse é um momento de reflexão do acadêmico, onde ele deve se identificar com a profissão que

vai seguir, para mais tarde não desencadear insatisfação e frustração pelas suas escolhas.

Conforme Lima et al. (2013), no ambiente acadêmico, os estudantes universitários passam por inúmeras mudanças tais como: carga horária elevada, falta de prática profissional, dificuldade de relacionamento interpessoal, temores, medos, angústias, frustrações além de organizações tais como transporte e moradia.

Para Esperidião e Munari (2003), o processo de formação acadêmica não tem trabalhado aspectos que possibilitem o fortalecimento emocional dos acadêmicos, ou seja dos futuros profissionais, dá-se mais ênfase para a técnica e procedimentos que devem desenvolver, desconsiderando situações problemas, as quais, os alunos estão diariamente expostos.

O primeiro contato com a profissão é uma das vivências mais difíceis para os acadêmicos da área da saúde, por isso é extremamente importante o papel do professor, como responsável por explicar sobre o andamento do curso, incentivar o mesmo a buscar conhecimento, ser responsável nas atividades e auxiliar no bom relacionamento com a equipe (MONTEIRO et al., 2015).

O ingresso no ensino superior muitas vezes é a passagem da adolescência para a vida adulta, traz mais responsabilidades, fazendo com que o aluno passe a tomar as suas primeiras decisões. Um dos fatores é o modelo proposto pela Universidade, pois sinaliza uma dimensão holística e sistêmica de ser humano, observa-se um processo de formação do acadêmico muito influenciado pelas técnicas e pouca ênfase para aspectos voltados à humanização (LIMA et al., 2013).

Conforme Esperidião e Munari (2003), cada vez mais cedo os alunos estão entrando, a maioria deles na fase da adolescência, caracterizado por um período de desenvolvimento, de muitas expectativas e desejos, por estarem iniciando uma nova fase de sua vida.

Para Monteiro et al. (2015), a universidade enquanto instituição de ensino, contribui com o acadêmico principalmente no cuidado da enfermagem, pois é com o que foi aprendido que ele vai ter o primeiro contato com o paciente, tendo uma relação de satisfação para ambas as partes.

De acordo com Mitre e Batista (2008), a formação/educação deve ser capaz de abranger o todo, permitir mudanças sociais, buscar métodos inovadores, prática pedagógica ética, crítica, reflexiva e transformadora. A graduação dura somente

alguns anos, já a atividade profissional vai perdurar por anos e anos por isso, o profissional deve estar sempre ativo e apto a aprender.

Ainda, para Silva et al. (2011), o enfermeiro deve ter um perfil construído por uma formação profissional generalista, técnica, científica e humanista, com capacidade crítica e reflexiva, preparado para atuar em diferentes níveis de atenção do processo saúde-doença, sempre pautando em princípios éticos.

Segundo o artigo Art. 4º da Resolução Conselho Nacional de Educação nº 3, de 7 de novembro de 2001, a formação do enfermeiro tem por objetivo fazer com que o profissional adquira conhecimentos para o exercício, das seguintes competências e habilidades gerais: atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente.

Já o quadrilátero da formação é referência para a formação em saúde, sendo composto por: ensino, gestão setorial, práticas de atenção e controle social, propondo construir e organizar uma educação responsável pelos processos de saúde. Cada face do quadrilátero libera e controla fluxos específicos, dispõe de interlocutores e configura espaços-tempos com diferentes propósitos, avaliando qual a necessidade de mudança (CECCIM; FERERWERKER, 2004).

Conforme Silva et al. (2011), a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, configurou-se um novo paradigma para a formação. Na enfermagem, especificamente existem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a graduação (DCN/ENF 2001), tendo como ideal básico a flexibilização curricular, com vistas a possibilitar uma sólida formação de acordo com o estágio do conhecimento desenvolvido em cada área, permitindo ao graduado enfrentar as rápidas mudanças na área da saúde e seus reflexos do mundo do trabalho (BRASIL, 2001).

O ensino é um instrumento básico para as transformações dos processos de trabalho em saúde e educação, dos quais a enfermagem é parte integrante, implicando em conceitos e atitudes alcançando as exigências e finalidades exigidas pela formação (PIRES et al., 2014).

Ser profissional em educação, traz muitos desafios, pois a reflexão deve ser contínua e dialógica, estando sempre atualizado para conseguir enfrentar os conflitos e dúvidas, que estão presentes no processo de formação (CASTELLI, 2010).

Nesse contexto, o que se diz a respeito à formação profissional em saúde, o Sistema Único de Saúde (SUS) adota o papel de interlocutor, norteador a formulação de projetos políticos pedagógicos e não somente a função de campo de prática, ou seja, estágio/aprendizagem, pressupondo a necessidade de intervenção nas áreas de saúde, educação, trabalho, meio ambiente, entre outras (SILVA et al., 2015).

Para Ceccim e Feuerwerker (2004), uma proposta de ação estratégica serve para modificar a organização dos serviços, práticas de saúde e pedagógicas. Colocaria em evidência, a formação para a área da saúde como uma construção da educação permanente, agregando o desenvolvimento individual e institucional.

Conforme Castelli (2010), a prática pedagógica requer mudanças, fazendo com que o professor tenha formação continuada por meio de capacitações, qualificação, aperfeiçoamento e ter o propósito de reflexão inovadora. A ação reflexiva no processo de ensino e aprendizagem faz com que identifiquemos a importância e os desafios que prevalecem, onde o profissional consiga dar respostas, em situações complicadas do dia-dia.

É importante compreender a complexidade que envolve essa profissão, além de cuidar de vidas humanas, muitas vezes o profissional lida com situações de angústia, dor, sofrimento e morte. São desafios trazidos por essa profissão, onde temos que nos preparar no decorrer da graduação para saber lidar com esses acontecimentos (PIRES et al., 2014).

Os estudantes carregam todas as vivências da graduação, sendo elas boas ou ruins, por isso é importante olhar o acadêmico de forma diferenciada e acolhedora, principalmente quando ingressar na universidade, pois é um período crítico e ao mesmo tempo de ajustamento acadêmico. Alguns podendo afetar o seu psicológico, interferindo diretamente no aprendizado (CUNHA; CARILHO, 2005).

O processo de cuidar e a formação do profissional de enfermagem, faz com que os mesmos estejam aptos para intervirem nos processos de saúde-doença, aplicando cuidados humanizados, éticos e eficazes, para contribuir na prática de mudanças, na forma de pensar-fazer-ensinar em enfermagem. É comum encontrar recém-formados cheios de dúvidas, despreparados e imaturos para exercer essa profissão, por isso é extremamente importante ter um processo de formação que contemple as diversas interfaces do cuidado (VALE; PAGLIUCA, 2011).

É imprescindível conhecer as expectativas desses alunos e quais foram os sentimentos que os mesmos vivenciaram durante todo seu processo de formação, para que os professores do curso consigam trabalhar melhor com os sentimentos dos novos ingressantes e para garantir um aprendizado mais participativo, possibilitando diferentes formas de atuação nos cenários de prática (MONTEIRO et al., 2015).

Portanto, repensar o processo de formação diante das interfaces apresentadas acima, se faz necessário na medida em que se considera o acadêmico um ser multidimensional, já que, no decorrer de sua formação podem apresentar situações de adoecimento, aspectos estes, que serão tratados no tema a seguir.

## 2.2 FATORES PRINCIPAIS DO PROCESSO SAÚDE - DOENÇA

O binômio saúde-doença é um processo dinâmico e depende das relações estabelecidas pela sociedade. Os fatores determinantes são: sociais, políticos, econômicos, culturais, ambientais e biológicos, abrangem medidas de promoção da saúde para melhorar os níveis de saúde da população (KAWAMOTO; FORTES, 2009).

A Organização Mundial da Saúde - OMS (1946) define saúde como um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas ausência da doença e enfermidade. Podendo incluir outros fatores que interferem nesse processo, tais como: alimentação, habitação, meio- ambiente, trabalho, transporte e acesso aos serviços de saúde.

Já a doença, é o estado de desequilíbrio do indivíduo com as forças do ambiente interno e externo. Se acredita que a saúde e a doença não podem ser separadas, pois uma necessita da outra para ocorrer (KAWAMOTO; FORTES, 2009).

Percebe-se que a saúde e a doença são dimensões de que os seres humanos são protagonistas, faz com que reconheçamos quais são essas condições objetivas e subjetivas que estão envolvidas nesse processo. Sendo por fatores estruturais tais como direitos e condições de acesso a bens e serviços sociais como educação, renda, trabalho, cultura e lazer (SÁ et al., 2013).

Para Lima et al. (2013), as principais manifestações no processo saúde-doença dos acadêmicos são: ansiedade, náuseas, dores de estômago, nervosismo, insônia,

principalmente na véspera de avaliações afetando a qualidade de vida dos acadêmicos e conseqüentemente sua saúde.

Levando em conta o texto descrito acima, existem fatores que podem levar à doença e comparando isso ao ambiente universitário, que é permeado por diversas situações nas quais são necessárias adequações que podem ser estressoras e afetarem o processo saúde e doença e acarretar instabilidade emocional e conseqüentemente tornar a formação para os graduandos um processo estressante (BUBLITZ et al., 2012).

Tudo requer adaptação por parte dos estudantes, trazendo momentos de satisfação, fortalecimento, maturidade diante das novas responsabilidades e mudanças nas rotinas diárias concretizando momentos de desgaste, interferindo diretamente na saúde dos mesmos. Esse novo espaço de formação proporciona novas formas no modo de viver, de pensar, de refletir, de agir, e conseqüentemente nos “modos de andar a vida”, trazendo mudanças para o processo saúde-doença deste grupo (LIMA et al., 2013).

Como grande parte dos acadêmicos perfazem dupla jornada, reduzindo suas capacidades de descanso, divertimento e desenvolvimento pessoal e social como possibilidade de lazer, os estudantes universitários, teriam somente alguns finais de semana, férias, descanso e tempo disponível para usufruir, por isso é importante compreender as vivências desses acadêmicos, buscar trazer atividades, planejar e oferecer opções para esta fase da vida (BUZACARINI; CORRÊA, 2015).

Mesmo com as dificuldades enfrentadas durante a graduação, com o passar dos anos os acadêmicos se adaptam as novas rotinas impostas pela Universidade, tendo muitas vezes seu estresse e sua pressão psicológica amenizados, mesmo sabendo que o final do curso é sempre cheio de ansiedades, estresse e muitas preocupações, noites sem dormir e isso acaba gerando situações hora de saúde, hora de doença (LIMA et al., 2013).

Diante deste contexto, podemos perceber que a saúde e a doença não são polares, sendo um desafio para o acadêmico, pois ele deve manter-se em equilíbrio para conseguir lidar com as dificuldades trazidas pela graduação para não desenvolver o processo doença. O próximo tema irá tratar especificamente do curso de graduação em Enfermagem e focar a história, diretrizes, desenvolvimento da profissão, entre outros.

## 2.3 ENFERMAGEM

A primeira escola de Enfermagem Alfredo Pinto (EEAP) foi em 1890, no Rio de Janeiro, formava profissionais para atuarem no Hospício Nacional dos Alienados. Mas a história da Enfermagem Moderna, teve início em 1923, segundo o modelo Norte Americano, Escola Anna Nery, onde era considerada uma escola padrão, redimensionando o modelo de enfermagem no Brasil (MONTEIRO et al., 2015).

A enfermagem vem buscando cada vez mais, seu espaço, voltando-se para o cuidado das pessoas, dessa forma como seu trabalho vem sido concebido, faz com que suas atividades sejam realizadas de maneira fragmentada. No entanto, quando se lida com seres humanos podemos encontrar dificuldades em se relacionar com o outro, por expressarmos ideias diferentes (ESPERIDIÃO; MUNARI, 2003).

O trabalho do enfermeiro é complexo, considerando que há de ter habilidades e competências específicas para atuar nessa profissão, por isso exige que os acadêmicos de enfermagem tenham uma formação de alto padrão. Requer um olhar crítico para a prática e para a formação profissional, exigindo uma capacitação continuada visando sempre garantir a qualidade assistencial (PIRES et al., 2014).

A Resolução do Conselho Federal de Enfermagem - COFEN (311/2007), descreve que a enfermagem envolve conhecimentos tanto científicos como técnicos, por um conjunto de práticas sociais, éticas e políticas. O Código de Ética dos Profissionais da área de Enfermagem, está sempre em construção de consciência individual e coletiva, tendo compromisso social e profissional, incluindo princípios, direitos, responsabilidades, deveres e proibições. Atuando na promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde (BRASIL, 2007).

O profissional de enfermagem é um dos grandes alicerces para a implementação das políticas em saúde, por possuir uma formação de qualidade em sintonia com as Diretrizes Curriculares Nacionais e as Políticas Públicas de Atenção à Saúde, que proporcionem uma perspectiva de inserção das competências e habilidades previstas para os profissionais da enfermagem (SILVA et al., 2011).

Nesse contexto, é extremamente importante acompanhar como as diretrizes em questão vêm sendo compreendidas e implementadas na proposta pedagógica das instituições que formam os enfermeiros, a fim de garantir a assistência humanizada à saúde (SILVA et al., 2011).

Oliveira e Moraes (2015), expõem que as vivências acadêmicas fazem com que o estudante tenha uma certa autonomia e capacidade de desenvolvimento pessoal, interpessoal e institucional, para não prejudicar sua adaptação, integração, e rendimento acadêmico. Para conseguir-se aos poucos construir o seu perfil como profissional enfermeiro.

Conforme Beuter; Alvim; Mostardeiro (2005), o acadêmico de enfermagem encontra-se em uma fase que representa a possibilidade de mudanças, a busca do novo, expectativas, causando reflexos na sua qualidade de vida atual e futura. Sendo assim, devem manter o equilíbrio dinâmico como ser humano, o lazer é uma das formas de enfrentar as contradições do cotidiano, uma maneira de cuidar de si, para reunir condições para cuidar do outro.

O ambiente acadêmico é um espaço, em que o estudante tem para se desenvolver em múltiplas dimensões, voltadas especificadamente para a construção de seu conhecimento na área específica de seu curso, como aspectos: relacional, dialógico, político e outros. O início da graduação traz situações novas, exigindo mais responsabilidades, expectativas complexas e sentimentos conflitantes (JESUS et al., 2015).

A graduação não apenas em enfermagem, mas a demais representa um marco na vida do estudante, é a realização de um sonho e da oportunidade de alcançar um projeto de vida pessoal, profissional e familiar. O contexto de vida do acadêmico é formado por situações que faça com que os mesmos se adaptam e se integram (OLIVEIRA; MORAES, 2015).

Cada estudante vivencia uma particularidade, diante dos diversos fatores que compõem o contexto universitário, a vida em sociedade baseia-se em assumir responsabilidades, cumprir exigências levando, na maioria das vezes, situações de tensão, podendo interferir em sua qualidade de vida e nas conquistas de metas (JESUS et al., 2015).

Portanto, o setor de saúde sofre constantes mudanças e avanços no conhecimento, através de pesquisa, introdução de novas tecnologias entre outras, por isso é imprescindível que os profissionais de saúde, professores da graduação se atualizem e complementem a formação acadêmica dos futuros profissionais, para que os acadêmicos possam oferecer uma assistência de qualidade, e uma prática baseada em evidências científicas (ORTEGA et al., 2015).

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste percurso metodológico apresentaremos as formas pelas quais a pesquisa foi delineada, a partir das contribuições da história oral temática.

#### 3.1 TIPO DE PESQUISA

Uma vez que o presente estudo teve como objetivo compreender as vivências dos acadêmicos de enfermagem durante o período de formação, a opção metodológica foi pela abordagem qualitativa centrada no Método da História Oral Temática.

A realização de uma pesquisa com base na compreensão, olhar as vivências dos acadêmicos, solicita um método que considere as especificidades do objeto, que possibilite o entendimento do contexto da pesquisa e da dimensão da experiência humana, aproximando-se da realidade (RIBEIRO; MACHADO, 2014).

Nesta perspectiva, é importante a enfermagem desenvolver estudos qualitativos, com intuito de entender as experiências de vida dos acadêmicos, utilizando métodos que propiciem saberes e conhecimentos para subsidiar o cuidado. Os estudos com história oral constituem uma possibilidade promissora (SILVA et al., 2014).

A pesquisa qualitativa responde questões muito pessoais, trabalha com o universo dos significados, motivos, das aspirações, crenças, valores e das atitudes. Esse conjunto se caracteriza não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e interpretar suas ações a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes.

Minayo (2013), afirma que a metodologia qualitativa tem como verbo principal compreender, dando como significado exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, levando em conta a singularidade do indivíduo, porque sua subjetividade é uma manifestação do viver total. É necessário saber que a experiência e a vivência de uma pessoa, acontecem no âmbito da história coletiva, contextualizadas pela cultura do grupo que estão inseridas.

Diante dessas afirmações, discutiremos, a seguir, as contribuições que o Método da História Oral pode dar para este estudo, considerando as vivências dos egressos e seus principais obstáculos deste período cheio de desafios durante a graduação e na entrada do mercado de trabalho.

### **3.1.1 Método da História Oral**

A primeira experiência da história oral como atividade organizada foi em 1948, quando o professor Allan Nevis lançou o The Oral Project. A história oral nos Estados Unidos se deu no final dos anos 60 e início dos anos 70, originando a Oral History Association (OHA) em 1967. Nesse contexto, a história oral pode contribuir para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas (THOMPSON, 1992).

A escolha pelo método da história oral, deu-se para que se possa compreender e vivenciar o presente, marcado pelo passado e projetado para o futuro, trazendo as marcas pregressas, numa reconstrução constante, sempre respeitando a historicidade humana, em especial a cultura (MINAYO, 2013).

Sendo assim, os acadêmicos que vivenciaram o processo da graduação forneceram informações a partir de suas memórias e experiências trazendo uma parte importante da sua trajetória de cinco anos, entre meio as dificuldades e principalmente realizações.

Segundo Meihy e Holanda (2007), a história oral é um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração de um projeto e que continuam com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas.

Para Silva et al. (2014), a história oral se apresenta como uma prática de apreensão de narrativas, por meio de gravações, vertidas para o formato escrito e após submetidos ao tratamento analítico, verificando aspectos não relevados, subjetivos e documentos existentes.

A história oral temática é a que mais se aproxima das expectativas acadêmicas, a contundência faz parte da história, explica-se os confrontos de opiniões firmadas. Através da história oral temática, busca-se uma variante de quem vivenciou um

acontecimento, será sempre de caráter social e nela as entrevistas se sustentam sozinhas ou em versões exclusivas (MEIHY; HOLANDA, 2007).

O processo de escrever a história oral muda conforme o conteúdo que temos, geradora de mudanças, altera o enfoque da própria vivência e revela os novos campos de investigação (THOMPSON, 1992).

Logo para, Ferreira e Amado (2006), a história oral remete a uma dimensão técnica e uma dimensão teórica, aprofundando reflexões em torno de pontos cruciais: memória e história, sendo esses os principais conceitos da história oral.

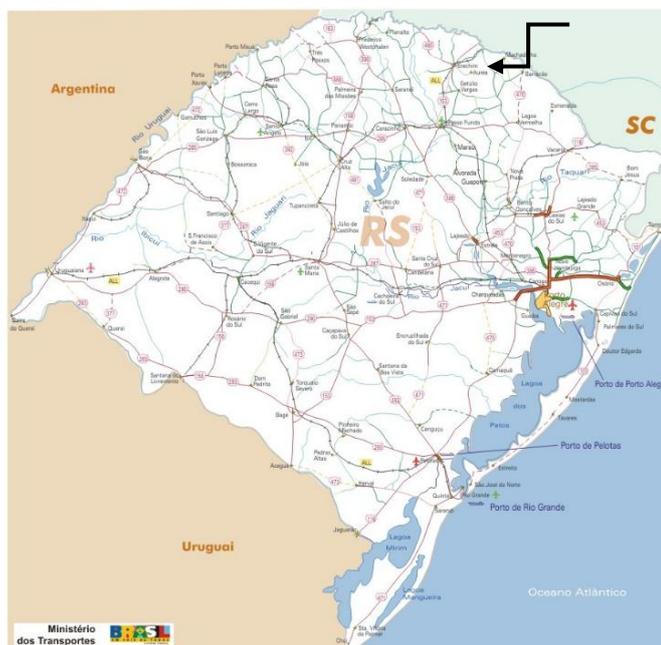
As histórias de vidas são decorrentes de narrativas e estas dependem da memória, dos ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até das contradições naturais da fala, vê a fragilidade da história oral, encontra seu sentido maior e o lugar a ser ocupado como área diferente e a possibilidade original (MEIHY; HOLANDA, 2007).

Sendo assim, o conceito de saúde são concepções complexas, que tem proporcionado conhecimento filosófico, teórico e prático da profissão como ciência, trazendo cada vez mais as teorias, pressupostos e modelos de atenção à saúde e a doença, no contexto dos indivíduos (SILVA et al., 2014).

### 3.2 LOCAL E PERÍODO

A pesquisa teve como cenário a cidade de Erechim, no estado do Rio Grande do Sul, e, posteriormente, o ambiente domiciliar dos participantes do estudo.

**Figura 1 – Localização de Erechim no estado do Rio Grande do Sul.**



**Fonte:** Mapas Brasil.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE (2010), a população da cidade é composta por 96.087 habitantes, sendo que foi realizado uma estimativa que em 2015 a cidade estaria com 102.345 habitantes.

A pesquisa foi realizada com egressos de uma Universidade Privada ao Norte do Rio Grande do Sul, estes, foram entrevistados no período de agosto a outubro de 2016.

A Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI é uma Instituição organizada e gerenciada pela comunidade Regional, atenta às necessidades socioeconômico-culturais, assumindo o compromisso do desenvolvimento da população a partir do resgate cultural e da recuperação econômica da região, buscando através do ensino, pesquisa e extensão atingir suas metas e colocar-se no patamar estrutural da sociedade em que está inserida, valorizando as diversidades e ações formativas (PPC, 2015).

Enquanto Universidade Comunitária é uma Instituição sem fins lucrativos, filantrópica e tem como grande compromisso o desenvolvimento regional. Sua missão é formar pessoal ético e competente, inserido na comunidade regional, capaz de

construir o conhecimento, promover a cultura, o intercâmbio, a fim de desenvolver a consciência coletiva na busca contínua da valorização e solidariedade humanas (PPC, 2015).

Nesse sentido, a partir das necessidades das comunidades regionais a URI, ancorada em suas potencialidades, criou o Curso de Enfermagem – Bacharelado, nos seguintes Campus: Erechim, Frederico Westphalen, Santiago e Santo Ângelo. O compromisso e a responsabilidade social da URI busca fortalecer a área da saúde nas diferentes localidades, consolidar o Sistema Único de Saúde, o acesso universal e a melhoria na qualidade de vida da população, alicerçado em projetos e atividades de extensão e pesquisa desenvolvido em grupos ou núcleos de estudos e pesquisa (PPC, 2015).

O Curso de Graduação em Enfermagem na URI, possibilita a realização de trabalhos inter e multiprofissionais com outros cursos da universidade, possibilitando a imersão da universidade na comunidade que vai ao encontro da sua missão e visão. A Enfermagem tem em seus pressupostos a atuação do profissional de acordo com o perfil epidemiológico com base no cuidar/assistir, administrar/gerenciar, ensinar/educar, pesquisar e participar politicamente na sociedade (PPC, 2015).

Sendo assim, as perspectivas de atuação do profissional enfermeiro (a) formado na URI, será ancorada nos princípios do SUS e nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso, o que contribuirá para o fortalecimento de seu desenvolvimento profissional frente aos processos de trabalho encontrados na profissão (PPC, 2015).

### 3.3 PARTICIPANTES

Na história oral, o depoente é considerado o colaborador. Isso faz com que haja um relacionamento de afinidade entre pesquisador e entrevistado, fazendo com que o colaborador se sinta mais à vontade durante a entrevista (MEIHY, 2005).

Segundo Minayo (2014), a entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa.

Participaram desta pesquisa cinco egressos da enfermagem, porém foi utilizado no dimensionamento da quantidade de entrevistas e de entrevistados o critério de saturação, que é conhecido pelo investigador.

### 3.4 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Os critérios de inclusão para fazer parte da pesquisa, foram:

1. Aceitar fazer parte da pesquisa;
2. Assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
3. Ser egresso da graduação em Enfermagem.

### 3.5 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Os critérios de exclusão estão descritos abaixo:

1. Ser formado até doze meses;
2. Não estar atuando na área;
3. Desmarcar o encontro da entrevista por mais de três vezes;

### 3.6 ASPECTOS ÉTICOS

Essa pesquisa seguiu as diretrizes da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que trata de pesquisa envolvendo seres humanos. O Projeto de Pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI/Erechim (Anexo A).

Para isto, a pesquisadora elaborou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice B) em duas vias que foi apresentado, lido, explicado e esclarecido todas as dúvidas de cada colaborador sobre: tema, problema, objetivos e demais aspectos éticos no que concerne a pesquisa, antes do início do primeiro

encontro do grupo. Após a concordância da colaboradora foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para assinatura, em duas vias, ficando uma cópia para a colaboradora e outra com a pesquisadora.

Os colaboradores foram informados sobre a finalidade do trabalho e que a participação não implicará em nenhum ganho ou perda financeira. Também, será garantido o anonimato do colaborador, a confidencialidade das informações e o direito de liberdade dos colaboradores de aceitar ou não participar do estudo.

Para validar os critérios éticos de pesquisa, no primeiro encontro foi lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, Termo de Consentimento de Uso de Voz e Imagem (Apêndice B, respectivamente).

Os dados coletados serão arquivados por cinco anos pela pesquisadora e após este período serão descartados de modo sustentável.

### 3.7 COLETA DE DADOS

Depois de cumpridos os procedimentos éticos para a autorização de pesquisa com seres humanos e posteriormente à autorização do Comitê de Ética da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões- URI/Erechim dar entrada no campo, a fim de identificar os potenciais colaboradores da pesquisa.

A pesquisadora está no último nível do curso de graduação em Enfermagem e para a escolha dos participantes marcou um encontro com a coordenadora do curso de Enfermagem para disponibilização dos nomes e endereços dos acadêmicos que colaram grau no ano de 2015. Em seguida foi realizado um prévio contato com os egressos por telefone e a partir deste, foi marcado um horário para o primeiro encontro.

No primeiro encontro o objetivo foi a aproximação com o colaborador, realizada por meio de um diálogo entre pesquisador e colaborador seguido de uma nova leitura da pesquisa e esclarecimentos e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido- TCLE e autorização para gravação em áudio (Apêndice B), entregues em duas vias, e por fim, foi realizado o agendamento do segundo encontro.

A seleção dos cinco potenciais colaboradores foi aleatória e feita a partir da lista de enfermeiros formados no ano de 2015, fornecida pela coordenação do curso, realizada mediante os critérios de inclusão e exclusão.

Salienta-se que o encontro de aproximação inicial é primordial para a criação de vínculos de respeito, confiança e indispensáveis para o desenvolvimento efetivo da próxima fase, dando início à etapa das entrevistas.

No segundo encontro foi realizada a primeira etapa da entrevista (Apêndice C). Neste ocorreu o detalhamento dos aspectos relacionados às vivências relacionadas ao início da jornada acadêmica até a metade da graduação, bem como, suas dificuldades financeiras e facilidades dos cenários de prática e além de suas formas de enfrentamento diante destas situações.

No terceiro encontro o pesquisador tinha todos os dados da entrevista anterior transcritos, onde apresentou para o colaborador para ler e reconhecer sua fala, e validar o documento. Após validação foi realizada a segunda etapa da entrevista, que detalhou os aspectos relacionados ao período final da formação buscando englobar o processo saúde - doença junto as dificuldades e facilidades encontradas.

Após transcrito a segunda etapa da entrevista, foi marcado o quarto encontro para realizar a última fase da entrevista, focando mais no seu processo de saúde/doença, instigando-o para relatar como foi a formação na sua concepção e quais os sentimentos relacionados a próxima etapa, formatura e a entrada no mercado de trabalho, em seguida foi finalizada a etapa da entrevista e informado o colaborador que o próximo encontro seria o último, aonde a pesquisadora apresentaria a última etapa para validação.

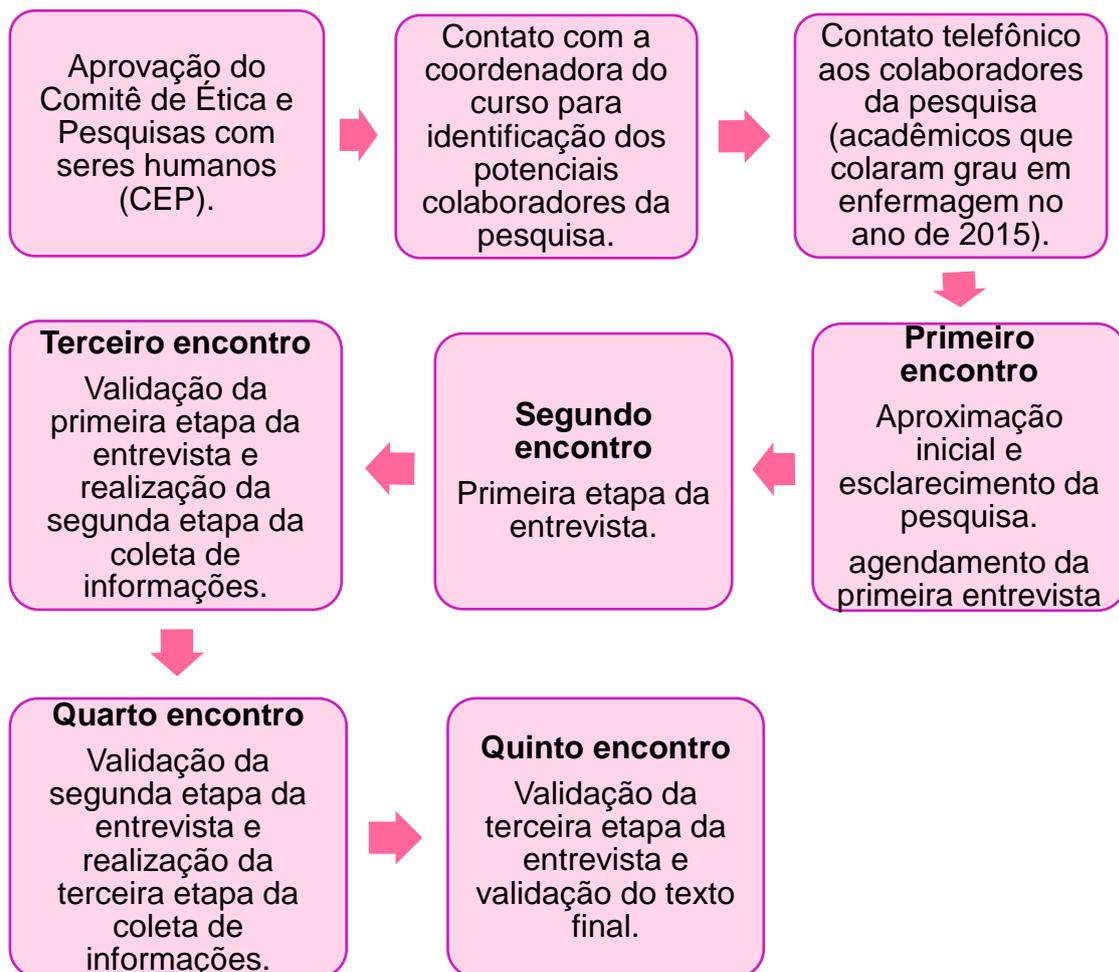
O quinto e último encontro, como a narrativa estava em sua versão final, foi entregue e lida diante do colaborador e autorizada pelo mesmo.

Conforme Meihy e Holanda (2007), após passar por todas as suas etapas até chegar à transcrição, a entrevista deve voltar para o colaborador para que ele se reconheça nela, faça sua conferência e validação que lhe garanta reconhecimento de si mesmo.

Afirmando o texto exposto acima Minayo (2013), descreve que os pressupostos que validam a história oral fundamentam a entrevista e a observação do participante, exigindo uma consciência reflexiva de um pré-texto inserido num contexto social mais amplo e mais complexo.

Para detalhar de forma mais compreensiva o percurso da coleta de informações, apresentamos o fluxograma a seguir:

**Fluxograma 1** – Percurso da coleta de informações.



**Fonte:** Elaboração da autora (2016).

## 3.8 TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

### 3.8.1 Tratamento dos dados

Na etapa da elaboração do documento escrito ocorre a concretização do discurso oral, onde ocorre a passagem do oral para o escrito. Sendo que a tradução acontece em três etapas: transcrição, textualização e transcrição (MEIHY; HOLANDA, 2007).

A etapa da transcrição é a passagem do oral para o escrito, onde é realizado a transformação da fala do colaborador em um texto, registrando todos os vícios de linguagem de forma oral, sem alterar a fala do colaborador (MARZOCHI, 2013).

A segunda fase é a textualização, onde serão eliminadas as perguntas feitas pelo pesquisador, retirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico, sons e ruídos, deixando um texto mais claro, passando a ser a única figura (MEIHY; HOLANDA, 2007).

A última fase é chamada de transcrição, esta instaura um desequilíbrio e um estranhamento radical ao dismantelar o tradicional respeito entre o sujeito e objeto, traduz uma ação criativa e uma relação viva entre as classes. O texto deixa de ser tratado como um documento e passa a ser um “dado concreto”, é um feixe vivo de ficcionalidades. É a entrevista trabalhada já na sua fase de apresentação pública. Desde as correções gramaticais até as frases completas, tudo deve ser estabelecido nessa etapa (MEIHY; HOLANDA, 2007).

### 3.8.2 Análise dos dados

Como método de análise das informações, optaremos pela análise de conteúdo temática. Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença signifique algo para o objeto analítico visado. Para uma análise de significados, a presença de determinados temas denota

estruturas de relevância, valores de referência e modelos de comportamento presentes ou subjacentes no discurso (MINAYO, 2013).

A análise temática é composta por três etapas. Inicia com a pré-análise, onde ocorre a seleção dos documentos para análise e se retorna aos objetivos de pesquisa. Na pré-análise ocorre uma divisão de tarefas para melhor compreensão: inicialmente ocorre a leitura flutuante onde ocorrerá a leitura e releitura das transcrições por várias vezes, permitindo ao pesquisador a compreensão de todo material coletado (MINAYO, 2014).

Logo após foi realizada a segunda tarefa da pré-análise que é a constituição do *corpus*: ela contempla as normas da validação qualitativa, como exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência.

A última etapa da pré-análise compreende a formulação e reformulação de hipóteses e objetivos, que necessita uma leitura e releitura dos dados o que permitirá a coleta da riqueza que a transcrições contém, o que resultará em novos questionamentos (MINAYO, 2013).

Em seguida ocorre a categorização que é a segunda etapa, que transforma o texto em expressões significativas. A terceira e última etapa é o tratamento e interpretação dos dados. Nesta etapa, os pesquisadores desenvolverão as interpretações e a partir destas correlacionarão com a teoria já realizada inicialmente o que permite o surgimento de novos caminhos teórico e interpretativos (MINAYO, 2013).

Para identificação dos colaboradores na presente pesquisa foi realizada a substituição do nome pela autodenominação do mesmo em uma palavra que signifique o momento vivenciado durante todo período da graduação.

## **4 DO ORAL PARA O ESCRITO: HISTÓRIAS DE EGRESSOS DE UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM**

A seguir, apresentaremos as histórias dos cinco colaboradores participantes desta pesquisa. O processo de construção destas histórias aconteceu conforme referencial metodológico centrado na história oral (MEIHY; HOLANDA, 2007; THOMPSON, 1992), seguindo os passos da transcrição, da textualização e, para finalizar a transcrição, dando origem a narrativas como o leitor poderá acompanhar a seguir.

### **4.1 COLABORADOR 1**

#### **ALEGRIA, 25 ANOS**

Meu nome é Alegria, tenho 25 e ingressei na faculdade com vinte anos. Tenho um irmão mais velho, de 28 anos, e antes de cursar a graduação fazia o Técnico de Enfermagem aqui mesmo nesta Universidade. Sou natural de Erechim e moro aqui. Hoje me sinto realizado com o que faço, me considero feliz, acredito que foi a escolha certa; tinha feito vestibular para Engenharia Civil, em uma área totalmente diferente da Enfermagem e fui aprovado, mas não cursei, acho que tudo tem um porquê de eu estar aqui hoje.

Na verdade, escolhi cursar o Técnico de Enfermagem porque há oito ou nove anos minha mãe teve uma síndrome, cuidei dela por já fazer o técnico e saber alguma coisa, após isso só continuei o mesmo processo, cursando a graduação em Enfermagem.

No primeiro dia de aula na Enfermagem, conhecia uma colega do Técnico de Enfermagem, a turma era bem grande, tinha 27, 28 alunos. No início, não encontrei dificuldade por ser um cara aberto, é um momento novo, geralmente nunca se está preparado para o diferente. Tive um certo receio de pessoas diferentes, porque cinco anos é um período muito extenso para se conviver.

A primeira impressão que tive do curso foi boa, depusitei muitas coisas na universidade, seria uma forma de conhecimento que nunca havia tido. Porém, muita coisa passou em branco, questão de algumas disciplinas e a rotatividade dos professores em um curto período de tempo foi algo que, na minha opinião, foi prejudicial. Cobravam dos alunos para fazer a avaliação institucional, mas tinham coisas que solicitávamos e que, no entanto, não éramos atendidos, mas de modo geral contribuiu de forma positiva para minha formação.

A minha rotina sempre foi corrida. Quando iniciei a graduação, trabalhava pela parte da manhã, depois, com os estágios, fazia o turno inverso, muitas vezes, dobrava plantões a noite. Tinha muita a questão de dormir mal, porque muitas vezes tinham os períodos de provas, final de semestre, práticas e trabalhos, então, são várias coisas ao mesmo tempo. Na minha rotina tinha minha mãe que ficava em casa o dia inteiro, então chegava em casa tinha tudo pronto. Isso me ajudou bastante, como deixar roupa e jaleco prontos; já a questão logística e econômica era com meu pai, então não tive dificuldades assim, tive FIES 100%. Minha intenção era diminuir para 75% ou 50%, mas não tive como mudar esse processo até pelas despesas. No que se refere ao lazer, no início da graduação era diferente, os finais de semana eram de festas, amigos sempre tinha alguma coisa. Já no terceiro ano iniciei um relacionamento sério aí acabou modificando, até pelas responsabilidades do período, muita coisa acabou sendo cortada, as relações sociais nas semanas de provas e o convívio não era adequado, mas, de um modo geral, sempre me dei bem com as pessoas, não enfrentei grandes problemas assim.

Não tive nada que me atrapalhou nesse período, desde doença, nunca tive, a única coisa é que tinha muita ansiedade. Nas semanas de provas, era um momento de bastante tensão, ficava bastante nervoso, talvez com o tempo eu consiga controlar, mas ainda têm situações que paro para pensar muitas vezes que poderia ter sido diferente. Não busquei ajuda, por ser algo momentâneo, era quando envolvia mais responsabilidades.

Em relação ao autocuidado, tudo era na pressa, tinham semanas que a imagem pessoal era bem degradada, não fazia a barba, ia do jeito que dava. Muitas vezes, tirava determinados dias ou noites na semana que não estava trabalhando para cortar cabelo, fazer barba, unha, dar uma ajeitada no corpo.

No início dos campos de prática, tive bastante aptidão na Unidade de Terapia Intensiva, Clínicas, Unidades Básicas de Saúde; já em Bloco Cirúrgico não me sentia bem por ficar em um local fechado, mas é uma fase, não tem como fazer a graduação sem passar por um centro cirúrgico, então tive um conhecimento.

Um problema que vejo em vários campos de prática é a falta de receptividade dos profissionais, até pela questão de já trabalharem na área. Às vezes tu és bem recebido, às vezes não, tinham locais que eram tranquilos, dava gosto de ir fazer as práticas, desenvolvia minhas atividades na normalidade. Por outro lado, houve situações que não foram agradáveis e desnecessárias. Até por ter uma certa liberdade com algumas pessoas da equipe, então faltou respeito às vezes, tinham coisas que os pacientes sabiam da nossa vida, então são situações ruins, constrangedoras, mas sempre fui brincalhão, levava na esportiva. Tiveram situações que fui desrespeitoso com as mesmas pessoas que foram comigo, mas hoje converso normalmente com algumas.

A primeira dificuldade que enfrentei, o primeiro medo nas aulas práticas, foi a questão da sondagem vesical. Foi a primeira barreira que tive, acho que até hoje, mas se precisar fazer o procedimento, tenho a prática e a técnica, mas no momento de pressão, de ser acompanhado pelo professor, muitas vezes, do familiar e o estado clínico do paciente, não permite te passar uma tranquilidade para realizar o procedimento e também insegurança pelo fato da graduação não ter muita disponibilidade para fazer o procedimento.

No dia a dia, fui superando as dificuldades, através da troca de experiências com os meus colegas nos momentos de intervalo. Os professores ajudavam também, mas como o grupo era grande, às vezes ficava “sem professor”, precisava executar alguma atividade, como na UTI neonatal, e acabava perdendo a realização da técnica porque o tempo era curto não tinha como esperar. O grupo era grande, entendo que não tinha como atender todos, mas, na verdade, a teoria a gente sabe, mas colocar na prática é totalmente diferente.

Tiveram as aulas de fundamentos que eram bem específicas para treinar a técnica. A gente teve dois momentos pela troca de coordenação, aprendi nos dois. O primeiro momento foi mais a prática e o segundo mais a teoria, acabou aliando, mas acredito que, com a execução das atividades, aprende-se muita coisa, criou-se uma boa base durante a graduação.

A metade da graduação ficou marcada pela mudança de coordenação e os dois últimos anos foram mais difíceis, até porque a mudança sempre te gera um receio. A gente teve professores de diversas áreas em um curto espaço de tempo, alguns com experiências incríveis, outros que não nos ajudaram nesse momento, mas o tempo ensina. Então, muitas vezes, hoje a gente se espelha em alguns professores para não fazer o mesmo, tem o lado bom e o ruim.

Nesses cinco anos de graduação, passa muita gente na nossa vida, fiz cinco amizades que com certeza vou levar para o resto da vida, enquanto têm pessoas que nunca mais tive contato; já são nove meses de formado, nunca mais as vi, sei que tem algumas trabalhando, algumas não. A nossa turma era bem dividida na verdade, passou por diversos processos para tentar união, por parte acredito de quase todos professores, mas no meu modo de ver nenhum teve êxito nessa questão.

Vejo que a formação em Enfermagem teve alguns pontos falhos desde rotatividade dos professores, mas também alguns conteúdos passaram despercebidos. Vejo que deveria ter sido diferente, mas a graduação me preparou bem; claro que enfrento dificuldades em algumas coisas, porque até então a formação é, muitas vezes, direcionada para uma área mais assistencial, que seria posto de saúde, hospital, e que não é minha realidade. Então, tem muita coisa que a graduação passou, mas não condiz com o meu dia a dia.

O término do curso foi tranquilo, o que preocupava bastante era a questão do Trabalho de Conclusão de Curso, tinha prazos, comecei cedo e então consegui realizar em tempo hábil. No final da graduação tinha os relatórios do estágio, dos dois últimos semestres. As piores partes eram os relatórios, mas a gente era a primeira turma a fazer naquele sistema, então havia muitas dúvidas, era muito extenso. Acredito que até pelo período, por ter o Trabalho de Conclusão de Curso, não sei até que ponto eram válidos os relatórios; claro, é importante para ampliar teus conhecimentos, mas acredito que poderia ter sido de uma forma melhor, mais didática, mais fácil.

Depois chegou a esperada formatura, que foi uma emoção diferente, tu vivencias por um período de cinco anos, e a colação de grau vem para fechar com chave de ouro toda a graduação. O fato de tu receber o diploma, de descer as escadas, aquele corredor cheio de gente, não há valor que pague, a emoção, foi fantástico, não tem como esquecer.

Após a formatura, fui convidado para ser enfermeiro no local onde já trabalhava e aceitei o convite. A graduação forma para uma área muito assistencial e onde trabalho é uma área totalmente diferente. Trabalho com os sistemas de procedimentos operacionais padrão, tem em todos os serviços de saúde, alguns utilizam manual, alguns outros procedimentos que são uma forma mais fragmentada, só que tu colocar no papel o que tu praticas diariamente é bem diferente.

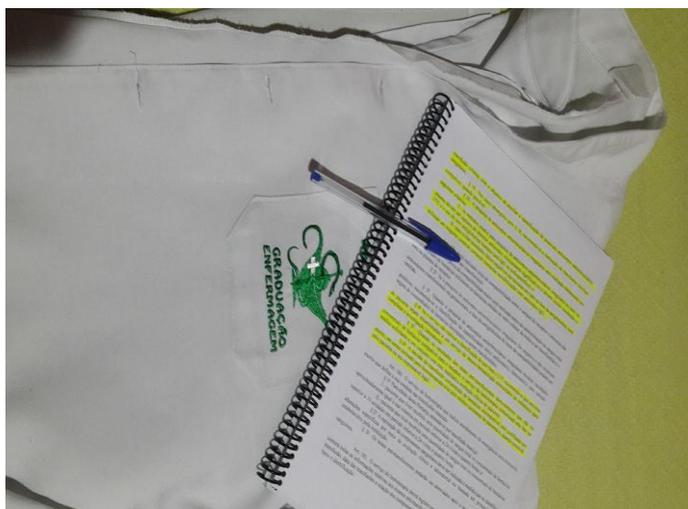
O processo de formação me auxiliou pelo título, pelas atividades que desenvolvo e até pela questão da renda. Tem coisas que foram falhas durante a graduação, mas têm atividades de enfermeiro que desenvolvo porque minha profissão me ampara, tenho liberdade para fazer.

Sugiro para a universidade investir nos alunos no que se refere à questão de cursos, treinamentos fora da universidade, incentivo aos professores para participar de congressos. E ressalto a alteração de professores, que prejudicam os alunos muitas vezes.

Penso para o meu futuro fazer uma pós-graduação em Hemoterapia, começar um mestrado. Já tenho incentivo da parte da instituição, no próximo ano participarei de um congresso internacional e a docência é algo que me interessa, é um dos sonhos.

Para finalizar, quero deixar uma mensagem para os acadêmicos: oportunidade é a palavra-chave do profissional de Enfermagem, a questão do cavalo encilhado passa uma vez só, então muitas vezes tem que acabar montado. Aproveitar a oportunidade que nos é dada para mostrar o nosso trabalho, nosso potencial, nunca desistir dos sonhos e que todo profissional não deve desmerecer ninguém, porque nunca sabes o dia de amanhã e de quem você vai precisar.

**Figura 2** – Objeto Colaborador Alegria.



**Fonte:** Elaboração da autora.

## 4.2 COLABORADOR 2

### **DESAFIO, 23 ANOS**

Meu nome é Desafio, tenho 23 e ingressei na faculdade com 17 anos. Sou natural de Erechim e durante a faculdade sempre morei com os meus pais, tenho dois irmãos. Sou muito observadora, gosto de selecionar bem as minhas amizades, sou bastante dedicada, se não for 100% não está bom. Sou ansiosa na questão de ver resultados, de querer fazer, de querer dar conta de tudo e às vezes a gente não consegue. Desde pequena queria ser médica, então fiz o ENEM e minha nota dava para entrar em Medicina em Minas Gerais. Fiquei toda animada, mas não me deixaram ir morar tão longe, falaram para arrumar alguma coisa aqui em Erechim. Então, com a mesma nota do ENEM, me escrevi no curso de Enfermagem e durante o curso percebi que era enfermeira mesmo que queria ser, foi a melhor escolha que fiz.

No primeiro dia de aula, cheguei cedo, vi que já tinha uns que se conheciam, alguns colegas eu conhecia da integração, sentei perto delas, tinha um sentimento de estar experimentando uma coisa que não sabia o que ia vir pela frente. Quando conheci o curso não tive uma impressão muito boa, tinha umas professoras que em

vez de dar aula ficavam falando coisas que não tinham nada a ver com o assunto. Os primeiros semestres foram assim, não conseguiam prender a atenção dos alunos, não traziam nem slides para dar aula. Tinham aulas que nós tínhamos que estudar o nosso assunto e do outro grupo a gente nem ficava sabendo. Acredito que isto interferiu no meu aprendizado, esperava o fim daquela aula e pronto, até que fomos nos mobilizando para tentar mudar isso. Foi de seis meses a um ano, porque a nossa turma não era unida, era separada em metade e metade, nós éramos em 22 alunos e terminamos com apenas 15. As mudanças do curso aconteceram lentamente, mas aconteceram. Acontecia a avaliação institucional, e as respostas das avaliações eram colocadas em slides e repassada em forma de cobrança, xingamento, autoritarismo, falavam que não tinham estudado tanto para chegar aqui e receber esse tipo de avaliação. Acho que essa desunião da turma foi questão de prioridades, interesse, do que cada um quer para a vida. Eu queria sair o melhor que pudesse, não queria ser mais uma enfermeira; já outros só queriam pegar o diploma, guardar na parede. Acredito que a turma foi se separando justamente por causa disso.

Fui estagiária remunerada há dois anos no pronto-socorro, desde o terceiro semestre até o sétimo, depois terminou o contrato, mas foi a melhor coisa que me aconteceu porque, no início a minha escola, meus professores e meus pacientes foram neste local. Se não tivesse isso minha formação seria totalmente diferente, ia na aula, sabia que tinham coisas que os professores falavam que não condiziam com a realidade. Trabalhava das 19h à 1h da madrugada todos os dias. Saía do estágio, ia para a aula muitas vezes sem comer, então, a questão de estudar, provas, ficou bastante a desejar nesse sentido; só queria dormir, mas nunca cheguei atrasada, era minha vida estar dentro do meu trabalho.

Depois que sai do meu emprego no hospital por terminar o contrato, fui trabalhar como cuidadora de uma idosa. Ficava 12 horas todo dia, no começo achei que não iria gostar, mas hoje não posso passar por Erechim sem ir na casa dela, fiquei até o final da faculdade com ela. Talvez esses trabalhos durante a faculdade me atrapalharam um pouco na questão da aprendizagem, porque aproveitava o tempo de dormir para estudar e quando via já estava dormindo em cima dos livros, porque o único tempo que tinha para estudar era à noite. Quando não tínhamos estágios pela manhã, me reunia com um grupo de estudos que tínhamos na graduação.

Ainda ajudava nos afazeres domésticos, minha mãe tinha problema de coluna, então, o serviço mais pesado era meu, desde lavar roupa até esfregar banheiro. Isso me sobrecarregava, pensava, então, que tinha que ser forte, chorava de vez em quando e procurava guardar para mim.

Nunca fui muito de sair, nunca fui muito de festas, era mais com o meu namorado e em alguns sábados com meus amigos. A única coisa que para mim era lazer mesmo, sagrado, era ir na casa do meu avô.

Já a questão financeira não era uma coisa tão fácil também, mas com o dinheirinho que ganhava conseguia comprar umas roupas, cadernos, realizar xerox, conseguia me virar. Até porque tive Prouni 100%, que foi primordial, porque se não fosse isso, tudo seria mais difícil.

Para mim, o estudo sempre esteve em primeiro lugar, mas tinha a questão de dar atenção para a família, namorado, acho que isso ficou um pouco a desejar, porque com os colegas de trabalho, amigos, tinha mais paciência e em casa se falavam alguma coisa eu já explodia, principalmente em final de semestre, quando acumulava tudo. Lembro-me que minha mãe quis me levar para tomar um floral, mas nunca quis nada disso, ela também me levou para fazer reike uma vez, então percebi que não podia ser assim, que tinha que me controlar mais.

Durante esse período da graduação sempre tinha sono, estresse, demorava para dormir, tive até uma paralisia facial por causa do estresse. Era um momento cheio de trabalhos, relatórios, de estudar para prova, fiquei em observação um dia e fui tomar meus remedinhos em casa.

Lembro das primeiras práticas, fui puncionar uma veia apenas na disciplina de cuidado do adulto, porque em fundamentos que seria o ideal. Pegavam da tua mão e faziam. Eu que não fiz Técnico de Enfermagem queria e precisava ter essa experiência, nem que não desse certo, mas queria. Pensava que os professores deviam te acalmar, falar com jeito, explicar, te incentivar, dizer que iria conseguir, mas era sempre “pega isso aqui”, “vai para lá”. Eu não tinha vontade de ir para o estágio, parecia que estava indo para matar tempo, foi aprendido pouca coisa. Pensava: “não quero ser uma enfermeira igual a essa”. Até mesmo nos postos de enfermagem parece que sumiam todos os procedimentos. Não tinha um momento para a gente conversar sobre o estágio, era apenas no último dia as notas e deu, não tinha o que questionar.

Outra dificuldade que vejo era o tempo para estudar, conciliar universidade com trabalho não foi fácil, porque morava longe e tinha que passar por toda a cidade. Fiz a carteira de moto para conseguir me deslocar, não existia ônibus à 1h da madrugada para voltar do trabalho.

Diante de tudo isso, os meus pais sempre me apoiaram, tinham coisas que não conseguia conversar com eles, então essa senhora que cuidei era minha psicóloga. Eu também fui a dela, a gente conversava bastante, até que no dia que saí da casa dela choramos muito. Essa experiência que tive com ela me ajudou muito na minha profissão, desde a questão da sensibilidade para lidar com idosos, até com as demais pessoas.

No final do curso foi batendo um desespero, pela questão do emprego principalmente, pensava que não poderia mais viver às custas dos meus pais. Também tinha uma angústia de sentir-se que não estava preparada, que deveria ter aprendido um pouquinho mais, porém, entendo que nos dois últimos semestres fomos muito mais capacitados na graduação, muito mais do que em muitos outros semestres. A disciplina de Estágio Supervisionado foi mais forte, porque no início foi muito fraco, então a gente precisava disso. Aí sim tivemos a oportunidade de realizar uma, duas e até três sondagens por dia, acho que isso me deixou mais tranquila e os colegas também. Tive uma experiência bem positiva dos últimos semestres, até a questão de avaliação mudou. Os professores começaram a realizar a avaliação a partir de critérios, acho que isso sim é valorizar o aluno. Você tem a oportunidade de ter o teu momento de conversar, e hoje levo isso para a minha prática, acho que os funcionários também merecem ser ouvidos.

No dia da formatura estava tranquila, achei que iria estar muito mais ansiosa. Eu e uma colega fomos no mesmo salão e quando a gente viu tinha chegado a hora, parece que passou o dia que nem vimos. Mas foi bem emocionante, marcou bastante, a questão do juramento, a coordenadora falando, lembro cada palavra, marcou bastante por tudo que a gente viveu, fechou com chave de ouro.

A minha entrada no mercado de trabalho foi assim: apresentei o Trabalho de Conclusão de Curso na terça e na quarta ou na quinta recebi um e-mail que estavam precisando de uma enfermeira em um município aqui da região. Mandeí meu currículo, no outro dia fui chamada para a entrevista, fui lá, fiz a entrevista e saí com o jaleco na mão, contratada. Não tinha colado grau ainda, era dia 14 de dezembro e coleí grau

dia 15 de janeiro. Quando fui contratada, quase não acreditava, fiquei de dezembro até junho como enfermeira assistencial e já em julho assumi um cargo de responsabilidade técnica. Hoje me sinto mais útil e realizada porque consigo fazer um pouco de diferença na vida dos pacientes e ter liberdade no serviço que desenvolvo. Me sinto feliz, cada dia estou aprendendo, e isso é um desafio.

Como sugestão acho que o curso deveria capacitar mais o aluno na questão de trabalhar em equipe, liderança, administração. Essa parte mais burocrática precisava ganhar mais espaço, iria fazer a diferença.

Meu sonho e expectativas para o futuro é ser alguém na vida, quero continuar, quero fazer pós-graduação e a vida vai dando oportunidades. Quem sabe nessa pós que quero fazer, mais da área gerencial, conheço algum outro lugar, outras pessoas. Não quero perder nenhuma oportunidade, namorado e família coloca em baixo do braço e vamos juntos, não quero parar.

Então para os acadêmicos, acho que tem que aproveitar desde o começo, desde os primeiros semestres. Isso é primordial, dar valor para as pequenas coisas, não deixar chegar as provas, trabalhos para aprender a fazer uma referência, ler um artigo, se dedicar, fazer por amor à profissão.

**Figura 3 – Objeto Colaborador Desafio.**



**Fonte:** Elaboração da autora.

### 4.3 COLABORADOR 3

#### **ESFORÇO, 23 ANOS**

Meu nome é Esforço, tenho 23 anos, ingressei na faculdade com 17 anos, sou filha única. Como pessoa, sou bem reservada e tímida. Sempre fui muito de ajudar todo mundo, acredito que sou uma pessoa fácil de lidar, tento ser flexível e ouvir o lado do outro. Já morei no Mato Grosso, mas retornei para fazer faculdade, este período morei com os meus pais. Escolhi o curso de Enfermagem porque sempre gostei, me identificava com a área da Saúde. Tinha dúvida se fazia Fisioterapia ou não, e resolvi fazer um teste vocacional que teve como resultado Enfermagem, Farmácia e Fisioterapia. Então, fiz o ENEM e o vestibular, onde acabei por cursar Enfermagem. Sempre imaginei que o enfermeiro verificava a pressão, dava banho, fazia curativo, punçionava veia, aplicava medicação e nem imaginava da parte gerencial que cabia ao enfermeiro realizar.

No primeiro dia de aula me sentia estranha, parecia que tinham me tirado do meu local e me colocado no meio de algo desconhecido, não conhecia ninguém, me senti ansiosa, receosa, não sabia o que esperar, não sabia se seria aceita pelo grupo ou não, tive muito medo do desconhecido. Lembro-me que teve uma integração da universidade e a turma anterior fez um momento para nós, onde alguns desfilavam em cima da mesa, tinha que se apresentar e pagar um mico, ganhamos um bombom.

A primeira impressão que tive foi que não iria dar conta, porque tinham algumas coisas que os outros colegas sabiam. Até por serem técnicos de Enfermagem, os professores falavam termos que eu nunca tinha ouvido, imaginava que iria ter que estudar mais, me esforçar para conseguir dar conta, mas do curso, em si, tive uma impressão boa. Dos meus colegas tive certas impressões que acabaram mudando: no começo me dava bem com todo mundo, mas depois acabei conhecendo a fundo as pessoas e nas últimas semanas que elas se revelam. No começo, a nossa turma era unida, mas depois acredito que por afinidade, gênios parecidos, pensamentos iguais, foram se afastando e no final ficamos bem separados, mas quando precisava para alguma coisa, acabava se unindo. Alguns professores tentavam a união, por dinâmicas, mesclar grupos de estágio, só que a turma era bem resistente.

Em relação ao ensino, acredito que poderia ter sido melhor. A nossa turma vivenciou duas fases, uma até a metade do curso, e depois outra. O início foi bem fraco, como não era técnica, questão de punção venosa, diluir medicação, sondagem, tivemos apenas uma aula, e ainda não passamos a sonda no boneco, quem passou foi o professor. A outra fase foi diferente, passou mais segurança, a gente era mais cobrado, tinha mais trabalhos e conseguimos recuperar algumas coisas que não aprendemos no início.

Na época da faculdade, não trabalhava, mas para me deslocar até a universidade ia de ônibus e uma época com uma colega. Ajudava em casa com os afazeres domésticos, desde lavar roupas a fazer comida.

Meu lazer era nos finais de semana. No sábado de manhã ajudava fazer as coisas em casa, e a partir do sábado de tarde, se não tinha trabalho e prova, saía, ia para a praça tomar chimarrão e de noite ia a alguma festa. As minhas relações sociais eram bem tranquilas, minha família, meus amigos. A faculdade não interferiu, acho que me aproximou de pessoas que levo, que vou levar, para vida inteira. Sempre digo que foram os presentes que Deus colocou no meu caminho.

O meu emocional, em alguns períodos da graduação, estava no meu limite, estava saturada, foi uma época bem complicada, me sentia insegura, com medo, ficava sensível e chorava por qualquer coisa. Tive episódios depressivos, fiquei bem mal na época, acredito que foi porque se somaram vários fatores na minha vida. Um deles é que tinha uma pessoa, depois não tinha mais, e também por estar quase me formando, incerteza do futuro, por me cobrar, por ainda não conseguir fazer coisas que gostaria de fazer, sentia que era vista de outra maneira por algumas pessoas, até dentro da universidade, dentro da sala de aula. Isso me aborrecia muito, não tinha vontade de ir para as aulas, estágios, foi bem difícil.

No início do curso me sentia menosprezada por alguns professores, tinha uns que não sabiam nem meu nome. Isso me incomodava, desde chamar alguns colegas pelo nome e eu não, chamava de “coisa”, até por falar às vezes “não dava um real por você, como conseguiu”. Isso machucava bastante, mas esse tratamento não era para todos.

Na época que fiquei deprimida, acabei indo para a psicóloga da universidade, através de um encaminhamento de uma professora. Essa profissional me encaminhou para uma psiquiatra porque eu tinha um comportamento bulímico, tudo que comia,

vomitava, e tinha pensamentos suicidas. Tomei medicação por um tempo, depois fiz terapia por alguns meses e tive alta. Foi uma época bem complicada, depois de um tempo percebi que não valia a pena ter tanto sofrimento interno, que era melhor pôr para fora, me expressar e que não tinha que ter vergonha de quem eu era.

No que se refere às questões econômicas, essas foram muito complicadas, lembro-me que para pagar a primeira prestação da faculdade tive que conseguir dinheiro emprestado, mas depois consegui Prouni 100% a partir do ENEM. Meu pai não era aposentado e a mãe recebia um salário. Eu não trabalhava pela questão do curso ser diurno, nós pagávamos aluguel e o transporte para Erechim.

Foi uma época muito complicada mesmo, o pai trabalhava para fora, fazia um bico, fazia outro, dava para pagar o ônibus, comprar uma calça branca, um sapato, pagar os lanches no almoço, porque no início não tinham pessoas que me ajudavam; não ajudar com questões financeiras, mas para dizer “vem almoçar lá em casa”. Tinha que pagar todos meus almoços, meus lanches, reservava o dinheiro para o ônibus, o resto ia se dando um jeito, na metade da faculdade as pessoas viam que tinha uma facilidade em formatação, digitar, e acabava fazendo e cobrando um pouco. Mais de uma vez, levei o dinheiro da passagem, onde era só para ir e voltar, dava para comprar um pão de queijo e, muitas vezes, era o que eu comia durante todo o dia. Depois de um tempo conheci pessoas na faculdade que moravam em Erechim e que foram minhas irmãs do coração, então, sempre que eu precisava de alguma coisa, elas me ajudavam.

O meu pai e a minha mãe me ajudaram muito na formação, me mantiveram, tanto emocionalmente, porque às vezes voltava desolada, quanto financeiramente. Duas colegas em especial e uma professora da universidade também me deram muito apoio emocional.

Com relação ao autocuidado, posso dizer que raramente ia para o salão, porque, querendo ou não, era um gasto a mais e tinha que segurar esse dinheiro, mas era tranquilo; à noite lavava os cabelos, secava, mas o autocuidado em geral não ficou prejudicado.

A primeira vez que fui para as aulas práticas senti um arrepio, um medo do desconhecido, uma ansiedade por não saber o que me esperava, medo de fazer algo errado, porque, querendo ou não, tem que prezar pela vida e não realizar algo que prejudique o paciente, medo de não saber fazer as coisas e ao mesmo tempo uma

euforia por estar iniciando uma coisa que sempre quis. Se fosse decifrar em uma palavra só seria: realização.

Mas teve a primeira dificuldade que foram os procedimentos técnicos. Eu tremia para diluir uma medicação, acho que essas dificuldades aconteciam por não ter uma base mais sólida. Uma dificuldade que me marcou mesmo foi a punção venosa, fiquei muito perdida. A paciente estava sentada em uma poltrona, puncionei com o professor segurando na minha mão, refluíu sangue, tirei o mandril, conectei o polifix, só que a seringa estava jogada na bandeja, sem agulha, contaminada, me perdi, tive vontade de chorar.

Outra dificuldade ao adentrar em alguns locais de estágio foi a questão de julgamento por parte da equipe, um olhar diferente quando o grupo chegava. Não me sentia mal porque via que não era direcionado a mim, que era com todos, mas a presença do professor tranquilizava.

Consegui superar graças aos professores, através das cobranças que eles tinham e que eu tinha, e ajuda de alguns colegas também. Estudávamos no laboratório e ficávamos lá o tempo que precisasse. Tínhamos professores que pegavam na mão e ajudavam. Tentava controlar o meu psicológico, porque ficava muito nervosa, tremia, suava e acabava me perdendo, mas aos poucos fui superando, puncionando as veias dos colegas e assistindo vídeos na internet.

No término do curso, estava bem envolvida com o Trabalho de Conclusão de Curso e estágio, não estava sentindo tanto o final do curso, não dava tempo de ver passar. A “ficha caiu” mesmo quando terminou o estágio, era uma sensação de alívio e, ao mesmo tempo, uma sensação de medo por estar respondendo por si mesmo.

Quando terminou, tive a concepção que o curso é bom, ficou melhor com a chegada de alguns profissionais. Estes exigiram mais do aluno, ficou em um nível elevado, deu para ver uma diferença.

No final do curso tive medo de caminhar sozinha, ansiedade por não saber o que seria para frente, saber que encerrou um ciclo e também alívio e a sensação de orgulho por conseguir chegar até ao final.

A formatura dá saudade, faria outra só para passar por isso de novo, é mágico. A hora da entrada, homenagem dos pais, ver todo mundo que torceu por ti ali, sensação inexplicável, me senti amortecida.

A entrada no mercado de trabalho foi assim: fiquei em casa cinco meses, procurando emprego, não queria sair da região e isso tornou-se mais difícil, mas, quando surgiu a oportunidade, a equipe me acolheu muito bem, o que eu não sabia eles me ajudavam, questões de rotina, procedimentos, questões de burocracias. Entrei como chefe de equipe de saúde, faço o serviço da enfermeira assistencial. Tenho um pouco de medo, mas me sinto capacitada, tenho um certo receio, mas é bom ter receio, assim planeja-se antes de agir.

O processo de formação me ajudou em tudo, questão pessoal, humana, profissional. Mais a questão humana mesmo, questão de evolução de olhar para os outros com outro olhar, não só olhar profissional, mas o olhar pessoal mesmo. Acabei evoluindo, teu pensamento sobre a sociedade, sobre julgamento, é uma evolução em todos os âmbitos. A partir do momento que tu cresces profissionalmente, tu cresces pessoalmente também.

Como sugestão para a universidade e professores, que continuem cobrando do aluno, cobrem questões de ir para o laboratório, questões de provas, mais coisas a respeito de concursos, acho que tem que preparar o aluno para concurso também.

Às vezes sonho um pouquinho alto, quero fazer uma pós-graduação, arrumar um emprego melhor, ter uma experiência maior, tentar um mestrado. O meu sonho é não parar de estudar, continuar para evoluir.

Para os acadêmicos, sugiro não ter medo de fazer as coisas, agarrar as oportunidades e dar o melhor sempre, se esforçar, estudar, batalhar, “sugar” os professores, ler artigos e livros. Isso porque aqui fora o pessoal cobra, desde ver uma medicação até interpretar um exame, e temos que estar aptos para responder a isso.

**Figura 4 – Objeto Colaborador Esforço.**



**Fonte:** Elaboração da autora.

#### 4.4 COLABORADOR 4

##### **GARRA, 36 ANOS**

Meu nome é Garra, tenho 36 anos e ingressei na faculdade com trinta anos. Sempre morei na cidade, mas quando casei fui morar na fazenda, sou casada há 16 anos e sou natural de Santa Catarina. Tenho quatro irmãos, perdi meus pais em um acidente, Há 22 anos. Inicialmente, fiz vestibular para Odontologia, eu já era técnica de Enfermagem na época e pensava em mudar de área. Fiquei como suplente e não fui chamada, tinha como segunda opção a Enfermagem, nesse momento a ideia era fazer um semestre e transferir para Odontologia, mas ao final decidi permanecer na Enfermagem, pois já estava enturmada e, como eu já estava com ideia de ir para a área da estética, acabei ficando na Enfermagem, e não me arrependo.

No primeiro dia de aula, me senti bem, eu acho até porque eu era a mais velha da sala. Cheguei lá, o jovem é alegre, e dentro de mim tenho um jovem ainda. Lembro-me que conhecia apenas um dos colegas, a turma anterior fez uma recepção para nós.

A primeira impressão que tive do curso é de que era muito fraco e que alguns professores eram muito fracos também. Tive essa impressão porque já vinha de um tempo de trabalho, dentro de hospital, então muita coisa que eles falavam não era a

realidade. Nossa turma sempre foi unida, depois chegou numa certa etapa que dividiu-se e formou dois grupos. Era um lado e outro lado, acredito que aconteceu essa divisão porque um dos grupos não se estressava tanta com nota, estudava sempre nos últimos dias, e o outro grupo estudavam bastante, se estressava mais com isso, por isso acho que ocorreu essa divisão.

Falando um pouco da minha rotina, posso dizer que trabalhava em noites intercaladas no hospital, atendia como design de sobancelhas no salão da minha irmã quando tinha disponibilidade e estudava de dia. Mesmo sendo uma rotina pesada, nunca tive nenhuma doença durante a graduação. O que marcou foi que tentei ter filhos, mas por causa de uma antecipação de menopausa tive que aguardar. Outra dificuldade que vejo neste período era a sobrecarga com afazeres domésticos, tinha que acordar cedo para ir para aula e quando voltava tinha que trabalhar a noite inteira. Saía do hospital de manhã, ficava o dia inteiro na faculdade, voltava para casa, e na outra noite que eu dormia. Fiz isso por três anos da faculdade. Mesmo com todo desgaste do trabalho, casa e faculdade, consegui conciliar tudo, nunca precisei tomar um remédio por causa disso.

Na época da faculdade não tinha muito lazer, não tinha tempo. Nos domingos ficava com a família, no início da faculdade conseguia fazer academia ainda, às vezes fazia alguma coisa com os amigos, não era de ir em festas, essas coisas, quando sobrava um tempinho preferia dormir. Já no final da faculdade estava bem cansada, sentia-me com esgotamento físico, o que era pequeno para mim já era um monstro, os Projetos de Intervenção Profissional e os relatórios e o Trabalho de Conclusão de Curso.

Mas sempre tinha gente me ajudando, o meu marido sempre me apoiou, minha família, eles são meu porto seguro. No final eram eles que estavam segurando as pontas, tanto na parte emocional, quanto financeira; no início pagava a faculdade integral, no segundo ano fiz 40% de FIES.

Em relação ao autocuidado, neste período sempre me cuidava. Quando estava de plantão no hospital, sobrava um tempinho e a gente fazia unha, uma da outra, e de manhã, antes de ir para a aula, a enfermeira liberava, daí conseguia tomar banho, lavar os cabelos, secar no hospital mesmo. No final da faculdade abandonei o vestidinho, era tênis mesmo, era uma correria. No final da faculdade saí do hospital,

e comecei a realizar trabalhos na área da estética, como design de sobrancelha, e quando chegou no final da graduação comecei a montar o meu consultório.

O primeiro dia que entrei na prática no hospital, tive um pouco de insegurança pela falta de receptividade de alguns profissionais. Aquilo me incomodava, sempre fui muito aberta a fazer amizades, lembro que naquele setor não davam muita abertura. Outra coisa que lembro era quando ia fazer um procedimento, mesmo tu sabendo a técnica certinha, ficava com um pouco de receio, pelo professor estar ali do lado te avaliando, de talvez não estar fazendo do jeito que ele gostasse.

Sobre as aulas práticas, lembro que encontrei dificuldade nas aulas de primeiros socorros. Eu vinha de uma formação do SAMU, recente fiquei em Porto Alegre um mês estudando, então cheguei com toda força de saber tudo o que era novo, de normas novas e nessa disciplina era tudo muito desatualizado. Isso que me deixava irritada, muitas vezes comprava briga com alguns professores. Eu sempre fui de correr atrás, vê se aquilo que estavam falando era verdade, por isso acho que o ensino de alguns professores era muito fraco, muita pouca base, muitas vezes nem sabiam o que estavam falando, sempre fui de questionar, mas com certeza teve muitos colegas que aprenderam errado. Ao relembrar a etapa final da graduação, acredito que se fosse hoje mudaria muita coisa na minha vida e outras não mudaria. Falando um pouco do término, erreí no sentido de ajudar muito uma colega em especial e acabei me afastando dos demais do meu grupo, percebi que não valeu a pena, então hoje eu não faria mais isso. Na parte emocional, eu acho que me prejudiquei, porque fiquei em um grupo que aparentemente não queria a minha presença. A menina nunca foi ingrata comigo, mas faltou gratidão, sempre fui muito sensível, chegava no grupo e era ela e as colegas, mas por outro lado foi bom, pois acabei me aproximando de uma outra colega que não tinha muita afinidade.

A nossa turma foi a mudança, teve a troca de coordenação, a minha turma patinou, desde os relatórios, porque os primeiros relatórios a gente que fez, não existiam antes disso. O final foi bem puxado.

No final da graduação tinha aquela emoção de estar terminando, mas acho que por eu ser mais madura, achava que era uma etapa que estava findando e acabou. A única falta que sinto muito é a dos meus colegas, aquela ausência até hoje. A questão também de apresentar o Trabalho de Conclusão de Curso foi um sentimento muito

gratificante, porque estudei muito. Então, para mim, o melhor presente nessa fase foi o meu trabalho, foi a melhor nota que tirei.

E para finalizar toda essa parte da graduação teve a formatura. Na missa tive uma surpresa, que foi o maior sentimento que posso descrever, que foi a chegada da minha irmã do Mato Grosso. Ela é a minha mãe, quando perdi meus pais, ela que cuidou e zelou por nós, aprendi muito com ela, então na minha formação uma das maiores surpresas foi ela. No dia da formatura, fui a oradora, foi bem legal, depois fomos para a festa feliz da vida, fiquei lá até 5 da manhã, e na segunda feira já estava trabalhando no meu consultório.

Iniciei o trabalho na segunda-feira após a formatura, não fiz inauguração, não fiz nada disso. Abri as portas e comecei a trabalhar, o que faço muito é o pós-operatório, parte de dreno, pacientes oncológicos, atendimento domiciliar e em estética.

Sobre a formação, acho que a gente pode tudo, em um pouco de tudo, a gente não nasce para fazer uma coisa só na formação. Eu busquei esse campo da estética, é um cuidado diferente, tu não cuidas exatamente da dor, mas cuida do autocuidado.

As dificuldades no processo de formação sempre existem. Para mim, acredito que foi mais a parte do deslocamento, conciliar casa, trabalho, marido, esse trabalho extra, esse negócio novo, estava terminando uma graduação, e iniciando outros cursos, era um atrás do outro. Mas sou muito feliz no que eu faço, adoro estar no meu consultório, é o meu refúgio, acho que esse lugar tem a minha energia. Sempre tive perseverança, facilidade em driblar o que estava acontecendo de ruim. Durante a formação também tive facilidades, a questão de ser técnica de enfermagem, de ter trabalhado dez anos no hospital, porque a técnica que a gente cria, que a gente desenvolve, ninguém tira.

O processo de formação me deu um nome para abrir aquilo que queria, me deu um registro para bancar aquilo que queria. Poder dizer que hoje sou enfermeira, e que se tenho isso aberto, é porque tenho um registro, mas, assim, não que tenha me auxiliado de outra forma.

Quero deixar como sugestão para os colegas dar um norte para os acadêmicos, dentro de semanas acadêmicas, porque acho que tu saís da faculdade sem saber o que tu és. Sai achando que tu és enfermeira, mas não sabe exatamente tudo o que tu

podes fazer, acredito que o curso continua pecando dentro disso, porque tem muita coisa que eu sei que eu posso fazer hoje.

A nossa área é muito burocrática ainda. Se sou enfermeira, o que posso fazer, posso fazer auditoria, posso trabalhar em segurança do trabalho, posso fazer muitas coisas. Acho que é por isso que os cursos de Enfermagem não estão crescendo, porque as pessoas vão lá gastam R\$ 1.500, R\$ 1.800 por mês, estudam em período integral e saem de lá e vão ganhar R\$ 2.500 por mês. Acho que a gente teria que ser um pouco mais valorizado; se trabalhasse em hospital, acho que poderia desenvolver outras atividades para acrescentar na renda, pode ser um coletador de células tronco, pode ser uma obstetra particular de alguém. Por isso eu acho que as universidades estão pecando nisso ainda, criam uma visão de enfermeiro centralista, ou tu és de hospital, ou tu és de posto de saúde. Acho que é digno de uma matéria dentro da faculdade, acho que a universidade tinha que criar alguma coisa nessa área para formar profissionais diferenciados.

Por isso que as minhas expectativas são grandes, e meus sonhos são maiores ainda. Tenho um objetivo que é de conseguir sair daqui de dentro, porque hoje não consigo, fico aqui no mínimo oito horas por dia. Quero começar a dividir meu conhecimento com as pessoas, quero futuramente dar curso para as pessoas aprenderem aquilo que hoje sei fazer.

Um conselho que quero deixar para os futuros colegas: não se prostituam com salário, para não se restituírem com propostas, e que se a gente não sabe se valorizar, ninguém vai fazer isso, que cada um que está se formando busque, corra atrás, mostra o teu nome, mostra que tu não é mais um, mostra que é diferente.

É isso que eu digo para os colegas que estão se formando: busquem ser o melhor, busquem ser a diferença, busquem fazer a diferença, não se acomodem, porque o mundo tem um monte de oferta para a gente, um monte de coisa que a gente pode desenvolver, e a gente nem sabe.

**Figura 5 – Objeto Colaborador Garra.**



**Fonte:** Elaboração da autora.

#### 4.5 COLABORADOR 5

### **SUPERAÇÃO, 26 ANOS**

Meu nome é Superação, tenho 26 anos, sou natural de Erechim, filha única, minha mãe é aposentada, meu pai é falecido há 15 anos. Fiz magistério, trabalhei três anos em uma creche e resolvi fazer o Técnico de Enfermagem para ver se gostava, para então fazer a graduação em Enfermagem. Como me identifiquei, resolvi cursar. Hoje trabalho como técnica de Enfermagem em noites intercaladas, das 7h da noite às 7h da manhã, e também atendo como enfermeira na área da estética.

Lembro-me que no primeiro dia de aula estava bem nervosa, tinha medo de não achar a sala de aula, tinha apenas uma colega que conhecia porque tínhamos cursado o Técnico de Enfermagem juntas. As outras pessoas eram totalmente diferentes, tinha um sentimento de medo, de não saber o que vinha pela frente, mas tive uma impressão boa do curso e dos professores em um primeiro momento.

Tive conflitos com uma colega no início da faculdade, por fofoca e por causa disso a gente nunca mais se relacionou até o final da faculdade, no final conversamos e nos acertamos. Acho que, indiretamente, interferiu na minha aprendizagem, porque

uma vez em um sorteio tivemos que realizar um trabalho juntas, não conseguimos conversar, portanto, o trabalho não saiu bem feito.

Houve, também, conflitos com professores, mas era a turma inteira em relação a alguns professores. Um exemplo foi quando um professor colocou a avaliação institucional em Datashow e apontava o dedo e queria saber quem tinha escrito, acho que isso atrapalhou na aprendizagem. Faltou cobrança em relação ao conteúdo, a base da técnica, muitos não davam aula, chegavam na metade do semestre, diziam que tinha acabado o conteúdo e a gente não tinha mais aula.

A minha rotina não era fácil: tinham dias que eu saía do plantão, às vezes sem fazer intervalo durante a noite, na maioria das vezes ia direto para o estágio, às vezes ia chorando, porque não sabia como aguentaria o resto do dia. O primeiro momento da manhã era mais fácil, porque chegava e tinha bastante atividade para fazer, depois ia batendo o cansaço. Eu ainda conseguia participar de outras atividades fora do horário de estágio, como os Amigos da Alegria.

A minha mãe sempre me ajudou, chegava em casa e tinha comida pronta, roupa lavada. Ela sempre me ajudava no que precisava, às vezes aconteciam os desentendimentos com ela ou com o namorado, o que interferia um pouco no dia a dia, mas mesmo assim ela foi minha base de tudo. A faculdade foi um período em que estava muito estressada, então era nela que descarregava tudo, mas ela sempre me aconselhava e me acalmava; os colegas do hospital também me ajudaram, além dos amigos da faculdade.

Quando estava estressada, brigava com todo mundo, às vezes tinha um problema em casa, brigava na aula, e vice-versa, estava cansada, sobrecarregada. Eu sou meia chorona, quando acontecia isso, procurava ficar um pouco sozinha, dormir, chorar um pouco, aí já passava.

Procurava fazer tudo durante a semana, para ter um lazer nos finais de semana, para estar mais livre, passear, namorar, estar com a família, porém, ao final da graduação, não tinha mais como, era muito trabalho e percebia que tinha necessidade de estudar mais. As relações sociais ficaram comprometidas porque a questão de sair com os amigos, muitas vezes, não dava mais.

Já a questão econômica era mais complicada, porque tinha que trabalhar e estudar, era um pouco apertado, tinha a bolsa permanência da URI e como fiz o técnico, ganhava um desconto por já ser aluno da universidade. Era pouco, mas

ajudava, minha mãe sempre ajudou também, vendia lingerie, trufas para ter um dinheirinho a mais.

Com relação aos impactos físicos, tive bastante enxaqueca nesse período da faculdade, principalmente no início, acho que era por causa do sistema nervoso, perdi muita aula e estágio por causa disso.

Outra dificuldade que tive foi a de acompanhar as aulas teóricas, era a questão do sono. Isso nas noites que trabalhava, senão era mais tranquilo, sempre digo que o sono é pior que a fome, ele é incontrolável, mesmo que a concentração era menor, mas acredito que foi mais gratificante.

No início das aulas práticas foi quando começou a “cair a ficha” que eu tinha que estudar mais, correr atrás, que não era brincadeira. Eu tinha um pouco de insegurança, por não saber o que vinha pela frente. Comecei a pensar que deveria ter começado a estudar para valer desde o primeiro dia, mas depois deu tempo de correr atrás do prejuízo.

Não tive dificuldade na técnica, até por já ter experiência, mas sempre tive um certo receio em lidar com o paciente e com a equipe que estava inserida, porque às vezes eu me sentia um incômodo, tinha sempre que pedir alguma coisa para eles e muitos que não gostavam.

O processo de formação me auxiliou nas dificuldades. Os professores sempre apoiaram também e essa questão que eu tinha mais receio em lidar com a equipe era muito falado durante as aulas, em diversas disciplinas, desde a questão de trabalhar em equipe.

Com o passar dos estágios, fui superando, aprendendo a lidar com as pessoas, pois cada um é diferente. Tive que aprender lidar com essas diferenças de cada um da equipe, tanto que no final, se o técnico ou enfermeiro que estava ali não era muito receptivo, não dava mais muita atenção e passava despercebido.

Nunca precisei buscar ajuda de psicóloga ou algo assim, acredito que por ter uma psicóloga em casa, por muito tempo antes da faculdade precisei de acompanhamento, mas durante a graduação não precisei.

A questão do autocuidado às vezes acabava ficando um pouco a desejar, às vezes conseguia ir no salão me ajeitar um pouco, cortar os cabelos, academia sempre quis fazer, mas não conseguia por causa do tempo. Tinha até uma esteira na minha casa, mas o tempo que estava em casa queria descansar, dormir.

O final do curso foi a melhor parte, em relação a tudo, estava mais madura, mais interessada, tinha mais bagagem para ir nos estágios. As relações com os colegas, apesar das brigas, estava melhor, a turma inteira estava se relacionando melhor. Teve muita picuinha, fofoca, na verdade, algumas brigas foram resolvidas e outras permaneceram até o final da graduação. Mas até os momentos ruins foram gratificantes, porque sempre tem um aprendizado, às vezes temos que aprender com os momentos ruins, assim se aprende, cresce e evolui.

No final da graduação era uma mistura de sentimentos, alívio por terminar uma etapa, aquela coisa de ter que trabalhar, estudar, provas e trabalhos, mas ao mesmo tempo uma incerteza, por não saber o que vai acontecer depois, por não ser mais estudante, de ir atrás de um emprego que nem sempre é fácil, um sentimento de saudade, porque, apesar de qualquer coisa, eu tenho saudade dos estágios, da época de aula e daquela convivência.

Os preparativos para a formatura foram a melhor parte, mas passou muito rápido, é uma lembrança que não dá para esquecer. Depois de tudo que a gente passa durante esses cinco anos, a gente merece ter uma formatura, por mais simples que seja e é um sentimento muito bom, uma alegria.

Após a formatura, em abril, comecei a fazer especialização em Estética. Estou montando o meu espaço, conquistando clientes, mas trabalhar como enfermeira em hospital ou Unidade Básica de Saúde, não tive experiência, até porque, por enquanto, não tive oportunidades. Mas trabalhar na área de estética é uma experiência boa, dá um pouco de medo, insegurança, às vezes penso em investir mais, mas aí penso se realmente daria certo.

Deixando como sugestão, no meu tempo de graduação tiveram professores que hoje nem estão mais na universidade, que não aproveitavam o tempo durante as práticas, então acho que teria que ter mais aulas práticas, porque tive a oportunidade de passar sondas com a minha chefe do hospital. Eu fui passar uma sonda vesical apenas no estágio supervisionado, também sugiro a possibilidade de ter grupos de apoio durante a graduação, porque toda turma tem conflitos, umas mais, outras menos, mas sempre tem.

Tenho sonhos e expectativas de fazer mais cursos na área de estética e pós-graduação. Poderei associar a enfermagem com a estética, quero ter uma sala com tudo e ter clientes que confiam no meu trabalho.

Vou deixar uma mensagem para os acadêmicos: não deixem para estudar só no final e que tenham certeza que é a Enfermagem que vocês querem. Não deixem a “ficha cair” só no final, porque se eu pudesse voltaria lá no primeiro semestre com tudo que vivenciei até o final, com certeza faria muita coisa diferente, ia me esforçar desde o começo.

**Figura 6** – Objeto Colaborador Superação.



**Fonte:** Elaboração da autora.

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os participantes da pesquisa Alegria, Desafio, Esforço, Garra e Superação, apresentam uma faixa etária que varia de vinte e três a trinta e seis anos, com um tempo de formação de dez meses, trabalham nas áreas de saúde coletiva, hospitalar e clínica estética.

A seguir, serão apresentadas as três grandes categorias que emergiram a partir da análise de conteúdo temática das narrativas construídas conforme a história oral temática. As subcategorias serão destacadas em negrito no decorrer do texto.

No primeiro capítulo foram analisadas as compreensões dos calouros frente ao ingresso na universidade. O segundo capítulo compreende os fatores externos que possam ter influenciado no processo de ensino aprendizagem, tais como: atividades simultâneas, autocuidado, questões financeiras e emocionais, que interferem no processo de formação e o terceiro e último capítulo estão descritas as dificuldades pelos quais os colaboradores tiveram e também, as suas sugestões para processo de formação em enfermagem.

### 5.1 COMPREENSÕES DA VIDA ACADÊMICA

Neste capítulo abordaremos, os sentimentos que os acadêmicos de enfermagem apresentaram, ao adentrar nesta nova etapa de vida, conforme a história dos participantes envolvidos na pesquisa.

#### 5.1.1 O ingresso na vida acadêmica: as vivências desta etapa

Os colaboradores Alegria, Desafio, Esforço, Garra e Superação, apresentaram nesta primeira etapa, **sentimentos de insegurança, angústia, medo e bem-estar**, conforme falas a seguir:

No primeiro dia de aula me sentia estranha, parecia que tinham me tirado do meu local e me colocado no meio de algo desconhecido, não conhecia ninguém, me senti ansiosa, receosa, não sabia o que esperar, não sabia se seria aceita pelo grupo ou não, tive muito medo do desconhecido [...] (Esforço, 23 anos).

No primeiro dia de aula, cheguei cedo, vi que já tinha uns que se conheciam, alguns colegas eu conhecia da integração, sentei perto delas, tinha um sentimento de estar experimentando uma coisa que não sabia o que ia vir pela frente [...] (Desafio, 23 anos).

Lembro-me que no primeiro dia de aula estava bem nervosa, tinha medo de não achar a sala de aula, tinha apenas uma colega que conhecia porque tínhamos cursado o Técnico de Enfermagem juntas. As outras pessoas eram totalmente diferentes, tinha um sentimento de medo, de não saber o que vinha pela frente [...] (Superação, 26 anos).

No primeiro dia de aula, me senti bem, eu acho até porque eu era a mais velha da sala. Cheguei lá, o jovem é alegre, e dentro de mim tenho um jovem ainda. Lembro-me que conhecia apenas um dos colegas, a turma anterior fez uma recepção para nós (Garra, 36 anos).

Conforme as falas acima, Martincowski (2013), ressalta que o ingresso na universidade é um marco importante na vida dos acadêmicos, pois caracteriza-se como um momento de angústias, conflitos, ansiedade, decisões difíceis, fantasias, dentre outras. Além disto, dificuldades de adequar-se à universidade, ensino e ao novo grupo de colegas são fatores que podem influenciar no desempenho desta etapa inicial.

Frente a esse momento cheio de decisões vivenciado pelos acadêmicos, a maturidade frente a escolha profissional torna-se um aspecto extremamente relevante. Refere-se um conjunto de atitudes e conhecimentos que o acadêmico traz para realizar de forma consciente e independente, a maturidade é definida por vários fatores: determinação, responsabilidade, independência, autoconhecimento e conhecimento da realidade (COLOMBO; PRATI, 2014).

No que se refere às **primeiras impressões dos calouros** acerca do curso:

A primeira impressão que tive do curso é de que era muito fraco e que alguns professores eram muito fracos também. Tive essa impressão porque já vinha de um tempo de trabalho, dentro de hospital, então muita coisa que eles falavam não era a realidade [...] (Garra, 36 anos).

Quando conheci o curso não tive uma impressão muito boa, tinha umas professoras que em vez de dar aula ficavam falando coisas que não tinham nada a ver com o assunto. Os primeiros semestres foram assim, não conseguiam prender a atenção dos alunos, não traziam nem slides para dar aula. Tinham aulas que eram feitos só teatrinhos, nós tínhamos que estudar o nosso assunto e do outro grupo a gente nem ficava sabendo [...] (Desafio, 23 anos).

A primeira impressão que tive do curso foi boa, depusitei muitas coisas na universidade, seria uma forma de conhecimento que nunca havia tido. Porém, muita coisa passou em branco, questão de algumas disciplinas e a rotatividade dos professores em um curto período de tempo foi algo que, na minha opinião, foi prejudicial [...] (Alegria, 25 anos).

Conforme Ramos, Barlem, Lunardi (2015), optar por um curso superior é reconhecidamente uma tarefa difícil, cheia de ansiedades, dúvidas e incertezas com grandes responsabilidades, com consequências dessa opção podem implicar insatisfação e desapontamento com o curso escolhido. Podendo despertar sentimentos, pois as mudanças e experiências vivenciadas, durante a vida universitária, podem não atender as expectativas quanto à profissão, provocando insegurança e decepção.

Ressalta-se que o professor precisa estar envolvido com o seu trabalho, pois é o principal agente motivador, deve estar determinado, ter compromisso pessoal com a sua formação e com a formação dos discentes, demonstrar dedicação, entusiasmo e amor pelo o que faz. Buscando mobilizar a energia interna do acadêmico para um propósito direcionado, precisa planejar a aprendizagem dentro das disciplinas, transformar a sala de aula em desafio, deve fazer valer seu papel de único detentor dos conhecimentos (CARVALHO, 2016).

Todos os colaboradores relataram **dificuldades de relacionamento na turma, desunião e conflitos**, como verifica-se nas seguintes falas:

Tive conflitos com uma colega no início da faculdade, por fofoca e por causa disso a gente nunca mais se relacionou até o final da faculdade, no final conversamos e nos acertamos [...] (Superação, 26 anos).

Nossa turma sempre foi unida, depois chegou numa certa etapa que dividiu-se e formou dois grupos. Era um lado e outro lado, acredito que aconteceu essa divisão porque um dos grupos não se estressava tanta com nota, estudava sempre nos últimos dias, e o outro grupo estudavam bastante, se estressava mais com isso, por isso acho que ocorreu essa divisão (Garra, 36 anos).

No começo, a nossa turma era unida, mas depois acredito que por afinidade, gênios parecidos, pensamentos iguais, foram se afastando e no final ficamos bem separados, mas quando precisava para alguma coisa, acabava se unindo. Alguns professores tentavam a união, por dinâmicas, mesclar grupos de estágio, só que a turma era bem resistente (Esforço, 23 anos).

O acadêmico que ingressa no ensino superior traz consigo traços culturais, econômicos e sociais, que foram construídos em suas vivências, ao adentrar na graduação o aluno se depara com uma nova realidade que demanda outras competências e comportamentos, para alguns, essa passagem acontece de forma tranquila, mas para outros pode ser de uma maneira conflituosa (BASSOTTO, 2014).

Corroborando com o autor acima, Oliveira e Dias (2014), descrevem que é necessário ampliar o conhecimento sobre as dificuldades percebidas pelos estudantes durante a graduação, para que a universidade possa intervir nestas situações com discentes por meio das redes de apoio para que os mesmos tenham auxílio nestas situações problemas.

O espaço escolar proporciona inúmeras oportunidades de relacionamento interpessoal, com diversos envolvidos, tais como: professor - aluno; professor - equipe pedagógica; professor-diretor; aluno-aluno; aluno-direção; dentre outros. Estas pessoas têm diferentes formas de ver o mundo, diferentes valores, essa diversidade poderia ser uma forma enriquecedora, mas na maioria das vezes tende a ser como algo negativo. Os professores como responsáveis pela condução do aprendizado dos acadêmicos, devem estar preparados para lidar com tal situação (LEITE; LORH, 2012).

Em relação as **vivências dos acadêmicos nos cenários de prática**, evidencia-se dificuldades no que se refere aceitação da equipe, falta de segurança, medo do desconhecido, locais de estágio, como relata-se nas seguintes falas:

A primeira vez que fui para as aulas práticas senti um arrepio, um medo do desconhecido, uma ansiedade por não saber o que me esperava, medo de fazer algo errado, porque, querendo ou não, tem que prezar pela vida e não realizar algo que prejudique o paciente, medo de não saber fazer as coisas e ao mesmo tempo uma euforia por estar iniciando uma coisa que sempre quis. Se fosse decifrar em uma palavra só seria: realização (Esforço, 23 anos).

O primeiro dia que entrei na prática no hospital, tive um pouco de insegurança pela falta de receptividade de alguns profissionais. Aquilo me incomodava, sempre fui muito aberta a fazer amizades, lembro que naquele setor não davam muita abertura [...] (Garra, 36 anos).

No início dos campos de prática, tive bastante aptidão na Unidade de Terapia Intensiva, Clínicas, Unidades Básicas de Saúde; já em Bloco Cirúrgico não me sentia bem por ficar em um local fechado, mas é uma fase, não tem como fazer a graduação sem passar por um centro cirúrgico, então tive um conhecimento (Alegria, 25 anos).

Ao comunicarem-se pela primeira vez com seu campo de estágio, os acadêmicos vivenciam vários sentimentos, em suas relações com o paciente, com o professor, com os próprios colegas, criando diferentes expectativas. As atividades de estágio é também o aperfeiçoamento das técnicas e procedimentos, mas tem como intuito, desenvolver a capacidade de entendimento pessoal, crítico e uma reflexão das formas de atuação profissional (DIAS et al., 2014).

Para Evangelista e Ivo (2014), a experiência do estágio é essencial para a formação integral do acadêmico, considerando que cada vez mais o mercado de trabalho requisita profissionais com habilidades e boa preparação.

Salientam, Saviato e Leão (2016), que a empatia possui vários conceitos, no entanto todas consideram a capacidade de compreender e comunica-la de tal experiência, estando sempre baseada o cuidado cognitivo, afetivo e comportamental. Mesmo que a enfermagem privilegie, a dimensão física, com execução de procedimentos técnicos, o cuidado em enfermagem é capaz de acessar os aspectos emocionais e subjetivos, por meio da comunicação e da empatia, que podem desenvolver e conservar a harmonia e a confiança nesse processo.

O professor além de ser educador e transmissor de conhecimento, deve atuar como mediador, fazer uma ponte entre o aluno e o conhecimento, fazendo com que o aluno aprenda a “pensar”, a questionar por si só. A formação do acadêmico está nas mãos dos docentes, devem ensinar responsabilidades de agir em meio ao mundo, ensinar seus educandos dando-lhes a oportunidade de atuarem na sociedade. É neste sentido que consiste a intervenção e o papel do professor na prática educativa, através de orientações, intervenções e mediações (BULGRAEN, 2010).

Outro ponto a ser discutido, são **os sentimentos dos acadêmicos de enfermagem ao final do curso**. Identifica-se nesta etapa sentimentos de desespero, angústia, medo, alívio, maturidade e emoção, como verifica-se nas falas a seguir:

No final do curso foi batendo um desespero, pela questão do emprego principalmente, pensava que não poderia mais viver às custas dos meus pais. Também tinha uma angústia de sentir-se que não estava preparada, que deveria ter aprendido um pouquinho mais, porém, entendo que nos dois últimos semestres fomos muito mais capacitados na graduação, muito mais do que em muitos outros semestres [...] (Desafio, 23 anos).

No término do curso, estava bem envolvida com o Trabalho de Conclusão de Curso e estágio, não estava sentindo tanto o final do curso, não dava tempo de ver passar. A “ficha caiu” mesmo quando terminou o estágio, era uma sensação de alívio e, ao mesmo tempo, uma sensação de medo por estar respondendo por si mesmo (Esforço, 23 anos).

No final da graduação tinha aquela emoção de estar terminando, mas acho que por eu ser mais madura, achava que era uma etapa que estava findando e acabou. A única falta que sinto muito é a dos meus colegas, aquela ausência até hoje [...] (Garra, 36 anos).

O término da graduação, causa situações desgastantes, comportamentos e posturas inadequadas, tanto em sala de aula como nos campos de estágio. Ansiedade e angústias relacionadas aos trabalhos acadêmicos, entre eles o trabalho de conclusão de curso e o relatório do estágio supervisionado, bem como relacionadas ao futuro profissional, insegurança quanto ao mercado de trabalho e a formação profissional (SILVA., et al 2011).

Nesse sentido relatam Jesus et al. (2013) que a transição da academia para o campo de trabalho é um processo desafiador para os enfermeiros recém-formados. A preocupação com esse momento é algo frequentemente observado nos graduandos e egressos, existe ansiedade por terem de assumir as responsabilidades atribuídas ao enfermeiro e as novas demandas.

Outro ponto interessante a ser discutido, são as **vivências dos egressos na entrada no mercado de trabalho**, e a primeira experiência profissional.

As falas abaixo evidenciam que os egressos, ao adentrar no mercado de trabalho passam por situações diferentes, advindas de seus valores e as experiências adquiridas na graduação, verificam-se sentimentos de medo, vontade de ficar

trabalhando na região perto da família, insegurança e até mesmo surpresa frente a primeira contratação. Ainda, vale ressaltar que as novas maneiras de empreender na enfermagem geram estes sentimentos pelo fato de que a maioria dos enfermeiros quando formados optam pela área hospitalar e de saúde coletiva.

A minha entrada no mercado de trabalho foi assim: apresentei o Trabalho de Conclusão de Curso na terça e na quarta ou na quinta recebi um e-mail que estavam precisando de uma enfermeira em um município aqui da região. Mandeí meu currículo, no outro dia fui chamada para a entrevista, fui lá, fiz a entrevista e saí com o jaleco na mão, contratada. Não tinha colado grau ainda, era dia 14 de dezembro e coleí grau dia 15 de janeiro. Quando fui contratada, quase não acreditava, fiquei de dezembro até junho como enfermeira assistencial e já em julho assumi um cargo de responsabilidade técnica [...] (Desafio, 23 anos).

Após a formatura, em abril, comecei a fazer especialização em Estética. Estou montando o meu espaço, conquistando clientes, mas trabalhar como enfermeira em hospital ou Unidade Básica de Saúde, não tive experiência, até porque, por enquanto, não tive oportunidades. Mas trabalhar na área de estética é uma experiência boa, dá um pouco de medo, insegurança, às vezes penso em investir mais, mas aí penso se realmente daria certo (Superação, 26 anos).

A entrada no mercado de trabalho foi assim: fiquei em casa cinco meses, procurando emprego, não queria sair da região e isso tornou-se mais difícil, mas, quando surgiu a oportunidade, a equipe me acolheu muito bem, o que eu não sabia eles me ajudavam, questões de rotina, procedimentos, questões de burocracias. Entrei como chefe de equipe de saúde, faço o serviço da enfermeira assistencial [...] (Esforço, 23 anos).

O mercado de trabalho, está exigindo cada vez mais produtividade com qualidade, tornando generalista a implantação de modelos de formação baseados nas competências profissionais (COLENCI; BERTI, 2012).

Conforme dizem Meira e Kurcgant, (2016), a avaliação profissional é uma forma de identificar mudanças que devem ser adotadas para aprimorar o processo de formação, sendo que uma avaliação do cotidiano do enfermeiro recém-formado pode indicar alguns ajustes a ser realizados durante a formação em enfermagem.

Contribuindo com a fala dos autores acima, Colenci e Berti, (2012), frisam que a opinião dos egressos possibilita a visualização dos alunos, porque os egressos enfrentam no seu cotidiano de trabalho, situações que podem confrontar as competências desenvolvidas durante o curso. Conhecer a caminhada dos egressos é

uma maneira de analisar, compreender e refletir sobre a formação em enfermagem, além de entender a entrada no mercado de trabalho.

A enfermagem é uma profissão ampla, tem várias razões e oportunidades para ter seu próprio empreendimento, tem potencial para explorar novos campos, não é necessário submeter-se aos cuidados tradicionais, onde prevalece o cuidado com a doença, uma das razões para isso, é que o “empreendedorismo social tem recebido pouca atenção”, e não provocam um impacto imediato, devem ser associados a prática do cuidado em enfermagem/saúde (BACKES; ERDMANN; BUSCHER, 2010).

## 5.2 PROCESSO SAÚDE/DOENÇA DOS ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM

Nesta seção serão abordados os aspectos relacionados ao processo saúde/doença durante o período da graduação, citando quais foram os principais fatores que desencadearam este processo nos acadêmicos.

Os colaboradores deste estudo, relataram que além de estarem cursando a graduação também desempenhavam outras **atividades simultâneas** neste período como: trabalhar durante a noite, voluntariado em grupo amigos da alegria, afazeres domésticos, conforme citados nas falas a seguir:

A minha rotina não era fácil: tinham dias que eu saía do plantão, às vezes sem fazer intervalo durante a noite, na maioria das vezes ia direto para o estágio, às vezes ia chorando, porque não sabia como aguentaria o resto do dia. O primeiro momento da manhã era mais fácil, porque chegava e tinha bastante atividade para fazer, depois ia batendo o cansaço. Eu ainda conseguia participar de outras atividades fora do horário de estágio, como os Amigos da Alegria (Superação, 26 anos).

Fui estagiária remunerada há dois anos no pronto-socorro, desde o terceiro semestre até o sétimo, depois terminou o contrato, mas foi a melhor coisa que me aconteceu porque, no início a minha escola, meus professores e meus pacientes foram neste local [...] Trabalhava das 19h à 1h da madrugada todos os dias [...]. Depois que sai do meu emprego no hospital por terminar o contrato, fui trabalhar como cuidadora de uma idosa [...] (Desafio, 23 anos).

Na época da faculdade, não trabalhava, mas para me deslocar até a universidade ia de ônibus e uma época com uma colega. Ajudava em casa com os afazeres domésticos, desde lavar roupas a fazer comida (Esforço, 23 anos).

Moura et al. (2016), relatam os aspectos relacionados ao estilo de vida dos acadêmicos, tais como carga horária extensa em sala de aula e práticas, relação professor-aluno, falta de espaços de acolhimento, lazer, reduzido tempo de sono, hábito alimentar insatisfatório, ausência de prática de atividade física, ansiedade, angústia constante pela cobrança do desempenho acadêmico, dentre outros, nota-se que o ambiente universitário pode não promover ou pode até prejudicar a qualidade de vida.

O trabalhar e o estudar são atividades comuns aos indivíduos que ingressam no ensino superior, os motivos que fazem com que os mesmos façam dupla jornada é a busca pela melhoria da condição financeira, aliada à realização profissional. Muitas vezes a família não dispõe de recursos para mantê-los, sendo que estudar depende unicamente de sua disposição pessoal, de suas aspirações e recursos financeiros, embora, às vezes, venha acompanhado de incentivo familiar (MAIER; MATTOS, 2016).

Em relação ao **autocuidado durante o período da graduação**, os egressos relatam conforme as falas abaixo descritas, que neste período não tinham muito tempo para cuidar-se. Também, se desenvolvia quando sobrava tempo disponível em casa e no trabalho.

Em relação ao autocuidado, tudo era na pressa, tinham semanas que a imagem pessoal era bem degradada, não fazia a barba, ia do jeito que dava. Muitas vezes, tirava determinados dias ou noites na semana que não estava trabalhando para cortar cabelo, fazer barba, unha, dar uma ajeitada no corpo (Alegria, 25 anos).

Em relação ao autocuidado, neste período sempre me cuidava. Quando estava de plantão no hospital, sobrava um tempinho e a gente fazia unha, uma da outra, e de manhã, antes de ir para a aula, a enfermeira liberava, daí conseguia tomar banho, lavar os cabelos, secar no hospital mesmo [...] (Garra, 36 anos).

Com relação ao autocuidado, posso dizer que raramente ia para o salão, porque, querendo ou não, era um gasto a mais e tinha que segurar esse dinheiro, mas era tranquilo; à noite lavava os cabelos, secava, mas o autocuidado em geral não ficou prejudicado (Esforço, 23 anos).

Para Galvão e Janeiro (2013), o autocuidado é uma função que permite às pessoas desempenharem, por si sós, as atividades que visam à preservação da vida, da saúde, do desenvolvimento e do bem-estar.

Colaborando com os autores acima, Souza, Salomon, Lima (2014), dizem que o autocuidado é a realização de ações dirigidas a si mesmo, constituem a prática de atividades que os indivíduos desempenham em seu próprio corpo, tendo como benefício manter a vida, saúde e bem-estar.

A formação em enfermagem pode gerar processos destrutivos, comprometendo sua saúde física e mental, para isso é imprescindível o cuidado de si, para então cuidar do outro, necessitamos de um tempo para nós, fazer coisas que nos dão prazer, sem tornar a prática um obstáculo (SOUZA; SALOMON; LIMA 2014).

Os colaboradores relataram **alterações emocionais que vivenciaram** durante o período da graduação tais como: estresse, saturação, insegurança, medo, choro e depressão, como verifica-se nas seguintes falas:

O meu emocional, em alguns períodos da graduação, estava no meu limite, estava saturada, foi uma época bem complicada, me sentia insegura, com medo, ficava sensível e chorava por qualquer coisa. Tive episódios depressivos, fiquei bem mal na época, [...] não tinha vontade de ir para as aulas, estágios, foi bem difícil (Esforço, 23 anos).

[...] com os colegas de trabalho, amigos, tinha mais paciência e em casa se falavam alguma coisa eu já explodia, principalmente em final de semestre, quando acumulava tudo. Lembro-me que minha mãe quis me levar para tomar um floral, mas nunca quis nada disso, ela também me levou para fazer reike uma vez, então percebi que não podia ser assim, que tinha que me controlar mais (Desafio, 23 anos).

Quando estava estressada, brigava com todo mundo, às vezes tinha um problema em casa, brigava na aula, e vice-versa, estava cansada, sobrecarregada. Eu sou meia chorona, quando acontecia isso, procurava ficar um pouco sozinha, dormir, chorar um pouco, aí já passava (Superação, 26 anos).

Conforme Rodrigues et al. (2016), o estresse é vivenciado por pessoas em situação de desequilíbrio real ou percebido, frente a capacidade de sua adaptação a essas exigências são decorrentes de diferentes fatores, podendo ser mental, emocional e físico. O estresse crônico e excessivo leva a problemas físicos, emocionais e mentais da saúde, diminuição da autoestima e redução do desempenho acadêmico, pessoal e do desenvolvimento profissional, o estresse acomete indivíduos em diferentes ambientes, independentemente de idade, sexo, nível social ou atividade.

De forma geral, os universitários estão constantemente submetidos ao stress de provas e cobranças tanto pessoais, familiares e sociais para ter um excelente desempenho nos estudos, podendo gerar um estado de ansiedade prejudicial ao desempenho acadêmico. Já os que residem com pessoas desconhecidas, somam a tudo isso, problemas de relacionamento, ausência de ambiente adequado para estudo, distanciamento da família e da cidade de origem (LAMEU; SALAZAR; SOUZA 2016).

Cremonese e Marques (2011), relatam que o funcionamento social, baseia-se em assumir responsabilidades e cumprir exigências, mas existem pessoas que têm dificuldades em adaptar-se, surgindo momentos de estresse, podendo ser de motivação para a superação de obstáculos, e a presença continuada do mesmo pode esgotar as energias fazendo com que este se sinta exigido, interferindo na sua qualidade de vida e na conquista das suas metas. O estresse no âmbito universitário pode-se definir como as reações físicas e emocionais que ocorrem quando as cobranças curriculares são maiores que as capacidades, os recursos ou as necessidades do estudante.

Em relação as **questões financeiras dos egressos durante o período de graduação**, verificou-se que todos os colaboradores eram providos de bolsa de estudo, mesmo assim, apresentaram dificuldades financeira, ou necessitaram de auxílio provido dos pais ou conjugue, conforme relatos a seguir:

No que se refere às questões econômicas, essas foram muito complicadas, lembro-me que para pagar a primeira prestação da faculdade tive que conseguir dinheiro emprestado, mas depois consegui Prouni 100% a partir do ENEM. Meu pai não era aposentado e a mãe recebia um salário. Eu não trabalhava pela questão do curso ser diurno, nós pagávamos aluguel e o transporte para Erechim (Esforço, 23 anos).

Já a questão financeira não era uma coisa tão fácil também, mas com o dinheirinho que ganhava conseguia comprar umas roupas, cadernos, realizar xerox, conseguia me virar. Até porque tive Prouni 100%, que foi primordial, porque se não fosse isso, tudo seria mais difícil (Desafio, 23 anos).

Mas sempre tinha gente me ajudando, o meu marido sempre me apoiou, minha família, eles são meu porto seguro. No final eram eles que estavam segurando as pontas, tanto na parte emocional, quanto financeira; no início pagava a faculdade integral, no segundo ano fiz 40% de FIES (Garra, 36 anos).

Dizem Bublitz et al. (2015), que os países da América Latina têm dado passos importantes no sentido de criar oportunidades para formar profissionalmente seus cidadãos, as vagas de acesso para o ensino superior e o aumento da diversificação de oportunidades continuam a expandir, também a democratização e a universalização de acesso nas instituições.

Existem vários fatores que influenciam no desempenho escolar do acadêmico, podem ser divididos entre aqueles que podem ser observados e aqueles que não podem. Não é possível, verificar a motivação, estoque de conhecimento entre outros, mas a respeito de fatores socioeconômicos que exercem influência no desempenho escolar dos estudantes. Podendo se destacar: a qualidade da escola na qual o estudante frequentou seus estudos, a renda familiar, o nível de escolaridade dos pais dos estudantes, gênero, idade, o fato de estar inserido no mercado de trabalho, dentre outras variáveis (JÚNIOR; AMORIN, 2013).

### 5.3 FORMAÇÃO EM ENFERMAGEM: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Nesta seção apresentaremos, as dificuldades e facilidades encontradas pelos egressos, além de sugestões dos mesmos para aprimorar ainda mais a formação em enfermagem.

No que se refere às **dificuldades acerca dos docentes**, os egressos relatam situações de desatualização dos mesmos, situações de insegurança, conflitos, e desprezo, como verifica-se nas seguintes falas:

Sobre as aulas práticas, lembro que encontrei dificuldade nas aulas de primeiros socorros. Eu vinha de uma formação do SAMU, recente fiquei em Porto Alegre um mês estudando, então cheguei com toda força de saber tudo o que era novo, de normas novas e nessa disciplina era tudo muito desatualizado. Isso que me deixava irritada, muitas vezes comprava briga com alguns professores. [...] (Garra, 36 anos).

No início do curso me sentia menosprezada por alguns professores, tinha uns que não sabiam nem meu nome. Isso me incomodava, desde chamar alguns colegas pelo nome e eu não, chamava de “coisa”, até por falar às vezes “não dava um real por você, como conseguiu”. Isso machucava bastante, mas esse tratamento não era para todos (Esforço, 23 anos).

Lembro das primeiras práticas, fui punccionar uma veia apenas na disciplina de cuidado do adulto, porque em fundamentos que seria o ideal. Pegavam da tua mão e faziam [...] Pensava que os professores deviam te acalmar, falar com jeito, explicar, te incentivar, dizer que iria conseguir, mas era sempre “pega isso aqui”, “vai para lá”. Eu não tinha vontade de ir para o estágio, parecia que estava indo para matar tempo, foi aprendido pouca coisa [...] (Desafio, 23 anos).

Acredita-se que os docentes, devem seguir um processo contínuo e sistemático que considere as exigências sociais, psicológicas, pessoais, contextuais e profissionais, devem mobilizar os acadêmicos a aprender nos diferentes contextos de atuação, incluindo refletir na prática pedagógica, compreender os problemas do ensino, reconhecer a importância de um material didático, socializar as construções através de trocas de experiências. Para que isto ocorra, precisam conscientizar-se de que são sujeitos em permanente evolução e desenvolvimento, para assim construir uma identidade profissional (BOLZAN; ISAIA, 2013).

Para Backes et al. (2012), o processo de ensino, não é apenas a experiência empírica do professor, pois não garante os elementos necessários para a aprendizagem. É imprescindível que o professor desenvolva conhecimentos, habilidades e atitudes que proporcionem a consolidação de saberes disciplinares, pedagógicos, curriculares e pessoais, que o habilitem para um exercício competente do ensino, são estes saberes disciplinares, aliados com a prática, que sustentam sua ação e a qualidade do ensino.

A formação do profissional enfermeiro deve ir além das competências técnicas, ou das habilidades de liderança e gerenciamento, devem estar capacitados para exercer o ato pedagógico, devem valorizar a prática acadêmica, incentivando a implementação de novos cenários de práticas, além de adotarem metodologias ativas, incentivando o acadêmico buscar conteúdos pertinentes para aprimorar a sua formação (MEIRA; KURCGANT, 2016).

Sousa (2016), salienta que a interação entre o professor e o aluno é uma relação que envolve sentimentos e deixa marcas para a vida toda, devem sempre buscar a afetividade e comunicação com os acadêmicos. O ato de ensinar e aprender é uma constante troca, é imprescindível que o professor seja primeiramente um educador, que enfrente os desafios e saiba lidar com os problemas que surgem na

formação, inclusive nos processos de relações interpessoais que vivenciam em sala de aula.

A ênfase na formação generalista e a ampliação das possibilidades de experiência prática durante a graduação em enfermagem, são destacadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais e avaliadas como alternativas a fim de atender à exigência de um perfil para a atuação multiprofissional, proporcionando maturidade pessoal e a identidade profissional necessárias em situação de imprevisibilidade, no qual estão sujeitas as organizações atuais (OLIVEIRA et al., 2014).

Por outro lado, os colaboradores do estudo relatam **facilidades que encontraram acerca do curso, colegas e professores**, neste sentido verifica-se que os professores, o processo de formação e algumas disciplinas contribuíram nesta caminhada:

Consegui superar graças aos professores, através das cobranças que eles tinham e que eu tinha, e ajuda de alguns colegas também. Estudávamos no laboratório e ficávamos lá o tempo que precisasse. Tínhamos professores que pegavam na mão e ajudavam. Tentava controlar o meu psicológico, porque ficava muito nervosa, tremia, suava e acabava me perdendo, mas aos poucos fui superando, puncionando as veias dos colegas e assistindo vídeos na internet (Esforço, 23 anos).

O processo de formação me auxiliou nas dificuldades. Os professores sempre apoiaram também e essa questão que eu tinha mais receio em lidar com a equipe era muito falado durante as aulas, em diversas disciplinas, desde a questão de trabalhar em equipe. Com o passar dos estágios, fui superando, aprendendo a lidar com as pessoas, pois cada um é diferente. Tive que aprender lidar com essas diferenças de cada um da equipe, tanto que no final, se o técnico ou enfermeiro que estava ali não era muito receptivo, não dava mais muita atenção e passava despercebido (Superação, 26 anos).

Tiveram as aulas de fundamentos que eram bem específicas para treinar a técnica. A gente teve dois momentos pela troca de coordenação, aprendi nos dois. O primeiro momento foi mais a prática e o segundo mais a teoria, acabou aliando, mas acredito que, com a execução das atividades, aprende-se muita coisa, criou-se uma boa base durante a graduação (Alegria, 25 anos).

A inserção dos acadêmicos na prática é um cenário de aprendizado, ocorre de forma precoce, e estes sentem dificuldades em recordar os conhecimentos adquiridos anteriormente em aulas teóricas, mostram-se inseguros para aplica-los na prática (ARAÚJO e FERNANDES, 2015).

Para isso, afirmam Silva e Navarro (2012), que a relação do professor-aluno é indispensável no processo de ensino-aprendizagem, essa relação deve estar pautada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o educando para o crescimento interno. Também, cabe ao professor adotar procedimentos para que os discentes criem a construção do seu próprio conhecimento, o processo de ensino não se limita apenas à transmissão de conhecimentos, mas se adequar a realidade do aluno.

Os colaboradores do estudo, deixaram algumas **sugestões para processo de ensino aprendizagem** no curso de enfermagem, como por exemplo o investimento em cursos e treinamento, congressos, trabalhos em equipe, liderança e administração, cobrar o aluno para ir ao laboratório de enfermagem, fazer as questões das provas mais focadas em concursos, conforme as falas a seguir:

Sugiro para a universidade investir nos alunos no que se refere à questão de cursos, treinamentos fora da universidade, incentivo aos professores para participar de congressos. E resalto a alteração de professores, que prejudicam os alunos muitas vezes (Alegria, 25 anos).

Como sugestão acho que o curso deveria capacitar mais o aluno na questão de trabalhar em equipe, liderança, administração. Essa parte mais burocrática precisava ganhar mais espaço, iria fazer a diferença (Desafio, 23 anos).

Como sugestão para a universidade e professores, que continuem cobrando do aluno, cobrem questões de ir para o laboratório, questões de provas, mais coisas a respeito de concursos, acho que tem que preparar o aluno para concurso também (Esforço, 23 anos).

Quero deixar como sugestão para os colegas dar um norte para os acadêmicos, dentro de semanas acadêmicas, porque acho que tu saís da faculdade sem saber o que tu és. Sai achando que tu és enfermeira, mas não sabe exatamente tudo o que tu podes fazer, acredito que o curso continua pecando dentro disso, porque tem muita coisa que eu sei que eu posso fazer hoje (Garra, 36 anos).

Deixando como sugestão, no meu tempo de graduação tiveram professores que hoje nem estão mais na universidade, que não aproveitavam o tempo durante as práticas, então acho que teria que ter mais aulas práticas [...]. Eu fui passar uma sonda vesical apenas no estágio supervisionado, também sugiro a possibilidade de ter grupos de apoio durante a graduação, porque toda turma tem conflitos, umas mais, outras menos, mas sempre tem. (Superação, 26 anos).

Nessa perspectiva, os cursos de graduação em enfermagem são instigados a investir na inovação metodológica do processo formativo, apostando em metodologias

ativas, que ofereçam ao enfermeiro vivências na realidade social. A Enfermagem é caracterizada como uma disciplina teórico-prática, tem potencial para fomentar ideias inovadoras, desencadeando em alguns profissionais a motivação para novas experiências (BACKES et al., 2012).

Salientam Kloh, Lima, Reibnitz (2014), que é necessário repensar ou até mesmo reconstruir o modo que é trabalhado em sala de aula, requer apoio pedagógico a discentes e a professores, rever as relações interpessoais estabelecidas no contexto da formação e, também, o olhar crítico sobre as avaliações do ensino superior. É responsabilidade da instituição formar profissionais capazes de atuar criticamente no sistema de saúde, envolve avaliação de aprendizagem, que permitam que os discentes e professores reflitam como estão construindo o processo educacional.

O ensino, como processo de formação, tem a possibilidade de promover a aprendizagem dialógica ao desconstruir a linearidade e ordem do pensamento, transformando-se em aprendizagem significativa. Se torna possível, quando o estudante se envolve com ideias, sentimentos, cultura e valores da sociedade e com a profissão, constituindo-se em um profissional humano e criativo. Objetiva-se socializar uma vivência inovadora de ensino-aprendizagem vinculada a um projeto ampliado de ensino, pesquisa e extensão (BACKES et al., 2012).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou compreender as vivências dos acadêmicos de enfermagem no que se refere ao processo saúde-doença durante a graduação. A metodologia da história oral, possibilitou-me conhecer um pouco da história de cada colaborador, e a possibilidade de um resgate de suas memórias e das vivências obtidas durante os cinco anos como acadêmicos de enfermagem, além de poder compartilhar a sua primeira experiência profissional, sonhos e perspectivas para o futuro profissional dentro da enfermagem.

Foi um momento único, repleto de lembranças, emoções e principalmente um sentimento de saudade por parte dos egressos, com troca de experiências e muito aprendizado. Esta pesquisa foi de grande valia para a pesquisadora, pois durante as falas dos colaboradores, a mesma identificou-se com inúmeros momentos, desde dificuldades, medos, sonhos e sentimentos, acredito que os colaboradores Alegria, Esforço, Desafio, Garra e Superação contribuíram para a minha formação e futuro profissional.

A partir de todos os sentimentos observados durante a trajetória acadêmica, acreditamos na importância de grupos de apoio dentro da universidade, a fim de melhorar a qualidade de vida dos acadêmicos neste período, além de interferir positivamente no processo de ensino e aprendizagem.

Também é importante refletir sobre o processo de saúde/doença, vivenciado pelos colaboradores no período da graduação, de maneira a criar meios que identifiquem estas dificuldades e possibilitem um encaminhamento para espaços de apoio com o da psicologia e o psicopedagógico.

Nas inúmeras vivências relatadas pelos egressos, no que se refere ao processo de formação, percebe-se que todos tiveram dificuldades, sendo em procedimentos técnicos, em relação com professores ou sentimentos de impotência, mas também, obtiveram facilidades durante este processo, como a possibilidade em se relacionar com as diversas equipes em que estavam inseridos nos cenários de prática e apoio do professor. Podemos dizer, que esses mecanismos facilitadores trazidos pelos professores, são considerados fundamentais para a formação em enfermagem.

Nesse sentido, é imprescindível repensar a formação dos acadêmicos de enfermagem, acerca das competências e habilidades do profissional enfermeiro, além de promover o cuidado integral do mesmo, diante das situações de conflitos, emocionais, vistas como dificuldades pelos egressos após sua formação.

Acreditamos que por meio das histórias construídas a partir das informações dos colaboradores da pesquisa, se possibilite a reflexão dos educadores sobre o processo de educação dentro das universidades, os quais vivenciam períodos de turbulências e preocupações.

Portanto, espera-se que este trabalho possa auxiliar não somente para amenizar as dificuldades vivenciadas pelos acadêmicos, mas contribuir para novas reflexões e estudos, para aperfeiçoamento do processo de formação dentro das instituições de ensino.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, A. L; MERHY, E. E. Formação em saúde e micropolítica: sobre conceitos-ferramentas na prática de ensinar. **Interface**. Botucatu, Apr. /Jun. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141432832014000200313](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141432832014000200313)>. Acesso em: 27 de maio de 2016.
- ARAÚJO, J. N. M; FERNANDES, A. P. N. L. Avaliação de estudantes de enfermagem sobre o exame clínico objetivamente estruturado. **Rev. Eletr. Enf.** jul. /set. 2015. Disponível em: <<https://www.fen.ufg.br/revista/v17/n3/pdf/v17n3a16.pdf>>. Acesso em: 20 de novembro de 2016.
- BACKES, D. S. ERDMANN, A. L. BUSCHER, A. O cuidado de enfermagem como prática empreendedora: oportunidades e possibilidades. **Acta Paul Enferm.** 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ape/v23n3/v23n3a05>>. Acesso em 20 de novembro de 2016.
- BACKES, D. S., et al. Vivência teórico-prática inovadora no ensino de enfermagem. **Esc. Anna Nery**. 2012. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452012000300024](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452012000300024)>. Acesso em: 23 de novembro de 2016.
- BASSOTO, S. A. S. A. Ensino superior: aspectos que envolvem a formação acadêmica na atualidade. **Augusto Guzzo, Revista Acadêmica**. 2014. Disponível em: <[http://www.fics.edu.br/index.php/augusto\\_guzzo/article/view/243](http://www.fics.edu.br/index.php/augusto_guzzo/article/view/243)>. Acesso em 15 de novembro de 2016.
- BEUTER, M; ALVIM, N. A. T; MOSTARDEIRO, S. C. T. S. O lazer na vida de acadêmicos de enfermagem no contexto do cuidado de si para o cuidado do outro. **Texto cont. Enfermagem**, Santa Catarina, abril/junho. 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/tce/v14n2/a09v14n2.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.
- BOLZAN, D. P. V; ISAIA, S. M. de A. Formação de professores: a construção da docência e da atividade pedagógica na Educação Superior. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, jan. /abr. 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=7625&dd99=view&dd98=pb>>. Acesso em: 22 de novembro de 2016.

BULGRAEN, V.C. O papel do professor e sua mediação nos processos de elaboração do conhecimento. **Revista Conteúdo**, Capivari, ago./dez. 2010. Disponível em:

<<http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/46/39>>. Acesso em 21 de novembro de 2016.

BRASIL. Organização Mundial da Saúde (OMS/WHO). Constituição da Organização Mundial da Saúde de 22 de julho de 1946. Disponível em <http://www.direitoshumanos.usp.br/.html>>. Acesso em 24 de março de 2016.

\_\_\_\_\_. CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM - COFEN. Resolução COFEN nº 311/2007, de 08 de fevereiro de 2007. Aprova a reformulação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://se.corens.portalcofen.gov.br>>. Acesso em: 24 de março de 2016.

\_\_\_\_\_. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Resolução CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 24 de março de 2016.

\_\_\_\_\_. DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 10 de dezembro de 2016.

BUBLITZ, S. et al. Estresse em estudantes de enfermagem: uma revisão integrativa. **Rev. Enferm UFSM**. Santa Maria, Set/Dez. 2012. Disponível em:<<http://www.abennacional.org.br/home/download/estresse.pdf>>.

BUBLITZ, S. et al. Perfil sociodemográfico e acadêmico de discentes de enfermagem de quatro instituições brasileiras. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 2015. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/48836>>. Acesso em 12 de novembro de 2016.

BUZACARINI, C; CORRÊA, E. A. Lazer dos estudantes universitários. **Rev. da UNICAMP**, Campinas, abr./jun. 2015. Disponível em:<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640653/8198>>. Acesso em: 10 de maio de 2016.

CARVALHO, A. S. O papel do professor no ensino superior. **Revista Formação Docente Ensino Superior**, Belo Horizonte, jan/jun, 2016. Disponível em: < [www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/fdc/article/download/1052/749](http://www3.izabelahendrix.edu.br/ojs/index.php/fdc/article/download/1052/749)>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

CASTELLI, M. D. B. A reflexão sobre a prática pedagógica: processo de ação e transformação, 2010. Disponível em: < [http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao\\_Basica/Trabalho/02\\_01\\_00\\_A\\_reflexao\\_sobre\\_a\\_pratica\\_pedagogica\\_\\_processo\\_de\\_acao\\_e\\_transformacao.PDF](http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_Basica/Trabalho/02_01_00_A_reflexao_sobre_a_pratica_pedagogica__processo_de_acao_e_transformacao.PDF)>. Acesso em: 19 de maio de 2016.

CECCIM, R. B; FEUERWERKER, L. C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, Jan/Jun. 2004. Disponível em: < <http://ltc.nutes.ufrj.br/constructore/objetos/O%20Quadril%20tero%20da%20Forma%20E7%20para%20a%20C1rea%20da.pdf>>. Acesso em 19 de maio de 2016.

COLENCI, R; BERTI, H. W. Formação profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de egressos de graduação em enfermagem. **Rev Esc Enferm**, São Paulo, 2012. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v46n1/v46n1a22.pdf>>. Acesso em 18 de novembro de 2016.

COLOMBO, G; PRATI, L. E. Maturidade para Escolha Profissional, Habilidades Sociais e Inserção no Mercado de Trabalho. **Rev. bras.** São Paulo, dez. 2014. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-33902014000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200010) >. Acesso em: 15 de novembro de 2016.

COSTA, R. R. de O. MEDEIROS, S. M. de; MARTINS, J. C. A. et al. O uso da simulação no contexto da educação e formação em saúde e enfermagem: uma reflexão acadêmica. **Revista espaço para a saúde**, Londrina, 2015. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/espacoparasaude/article/view/20263>>. Acesso em: 26 de maio de 2016.

CREMONESE, T. S; MARQUES, I. R. Significados das primeiras experiências do estudante de enfermagem nos estágios clínicos. **Revista Enfermagem UNISA**, 2011. Disponível em <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2011-2-02.pdf>>. Acesso em 19 de novembro de 2016.

CUNHA, S. M.; CARRILHO, D. M. O processo de adaptação ao ensino superior e o rendimento acadêmico. **Psicol. Esc. Educ.** São Paulo, dez. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141385572005000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141385572005000200004&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 29 de maio de 2016.

DIAS, E. P. et al. Expectativas de alunos de enfermagem frente ao primeiro estágio em instituições de saúde. **Rev. psicopedag.** 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862014000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000100006)>. Acesso em 18 de novembro de 2016.

ESPERIDIÃO, E; MUNARI, D. B. Holismo só na teoria: a trama de sentimentos do acadêmico de enfermagem sobre sua formação. **Rev Esc Enferm USP**, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v38n3/12.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

EVANGELISTA, D.L; IVO, O. P. Contribuições do estágio supervisionado para a formação do profissional de enfermagem. **Revista Enfermagem Contemporânea**. Dez. 2014. Disponível em: <<https://www5.bahiana.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/391/340>>. Acesso em 22 de novembro de 2016.

FERREIRA, M. M; AMADO, J. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

GALVÃO, M. T. R. L.S; JANEIRO, J. M. S. V. O autocuidado em enfermagem: autogestão, automonitorização e gestão sintomática como conceitos relacionados. **Revista Mineira de Enfermagem**, 2013. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/593>>. Acesso em 22 de janeiro de 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 15 maio. 2016.

JESUS, I. S. et al. Vivências de estudantes de graduação em enfermagem com a ansiedade. **Rev. enferm. UFPE**. Recife, jan. 2015. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/download/5347/11196>>. Acesso em: 03 de junho de 2016.

JESUS, B. et al. Inserção no mercado de trabalho: trajetória de egressos de um curso de graduação em enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, 2013.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-81452013000200019](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452013000200019)>. Acesso em: 21 de novembro de 2016.

JÚNIOR, L. H. S; AMORIM, J. G. Fatores socioeconômicos que influenciam o desempenho educacional: uma análise dos alunos concluintes da autarquia educacional de belo jardim no agreste de Pernambuco. **Economia e Desenvolvimento**, Recife. 2013. Disponível em:< <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/economia/article/view/22709>>. Acesso em 15 de novembro de 2016.

KAWAMOTO EE; FORTES JI. **Fundamentos de Enfermagem**. Rev. e atual. São Paulo, 2º ed. 2009.

KLOH, D; LIMA, M. M; REIBNITZ, K.S. Compromisso ético-social na proposta pedagógica da formação em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, Abr-Jun, 2014. Disponível em:< [http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n2/pt\\_0104-0707-tce-23-02-00484.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n2/pt_0104-0707-tce-23-02-00484.pdf)>. Acesso em: 15 de novembro de 2016.

KRUSCHEWSKY, J. E. KRUSCHEWSKY, M. E; CARDOSO, J. P. Experiências Pedagógicas de Educação Popular em Saúde: a pedagogia tradicional versus a problematizadora. **Rev.Saúde. Com**, Jequié- Bahia, 2008. Disponível em: < <http://www.uesb.br/revista/rsc/v4/v4n2a07.pdf>>. Acesso em: 12 de junho de 2016.

LAMEU, J. N; SALAZAR, T. L; SOUZA, W. F. Prevalência de sintomas de stress entre graduandos de uma universidade pública. **Psicol. educ.** São Paulo, jun, 2016. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>. Acesso em: 18 de novembro de 2016.

LEITE, C. R; LOHR, S. S. Conflitos professor-aluno: uma proposta de intervenção. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 12, n. 36, maio/ago. 2012. Disponível em: < <https://conflitos+professor-aluno>>. Acesso em 19 de novembro de 2016.

LIMA, J. R. N. et al. Percepção do acadêmico de enfermagem sobre o seu processo de saúde/doença durante a graduação. **Sau & Transf. Soc**, Florianópolis, 2013. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-70852013000400010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-70852013000400010)>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

MAIER, S. R; MATTOS, M. O trabalhar e o estudar no contexto universitário: uma abordagem com trabalhadores-estudantes. **Saúde**. Santa Maria, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revistasaude/article/view/20477/pdf>>. Acesso em 16 de novembro de 2016.

MAPAS BRASIL. Disponível em: <[mapas-brasil.com/rio-grande-sul.htm](http://mapas-brasil.com/rio-grande-sul.htm)>. Acesso em 16 de junho de 2016.

MARTINCOWSKI, T.M. A inserção do aluno iniciante de graduação no universo autoral: a leitura interpretativa e a formação de arquivos. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, jan-jun, 2013.

MARZOCHI, A. S. Procedimentos metodológicos de pesquisa com jovens infratores: a importância da história oral. **Resgate vol. XXI**. Jan-Dez. 2013. Disponível em: <<http://www.cmu.unicamp.br/seer/index.php/resgate/article/view/340>>. Acesso em: 15 de maio de 2016.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de história oral**. Loyola, São Paulo, 5. ed. 2005.

MEIHY, J. C. S. B, HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. Contexto, São Paulo, 2007.

MEIRA, M. D. D; KURCGANT, P. Educação em enfermagem: avaliação da formação por egressos empregadores e docentes. **Rev Bras Enferm**. jan-fev, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n1/0034-7167-reben-69-01-0016.pdf>>. Acesso em 12 de novembro de 2016.

MESQUITA, S. K. da C; MENESES, R. M. V. RAMOS, D. K. R. Metodologias ativas de ensino/aprendizagem: dificuldades de docentes de um curso de enfermagem. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: < Metodologias ativas de ensino/aprendizagem: dificuldades de docentes de um curso de enfermagem>. Acesso em: 26 de maio de 2016.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, Marc. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232012000300007](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000300007)>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Hucitec, São Paulo, 13<sup>o</sup> ed. 2013.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Hucitec, São Paulo, 13<sup>o</sup> ed. 2014.

MITRE, S. M; BATISTA, R. S, Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação profissional em saúde: debates atuais. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, Dez. 2008. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232008000900018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900018)>. Acesso em: 28 de maio de 2016.

MONTEIRO, C. A. S. et al. Sentimento atribuído pelo aluno de enfermagem no final da graduação. **Saúde**, Vol.41 Santa Maria, Jul./Dez. 2015. Disponível em: <  
[http://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/view/12128/pdf\\_1](http://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/view/12128/pdf_1)>. Acesso em: 13 de maio de 2016.

MOURA, I. H. de. et al. Qualidade de vida de estudantes de graduação em enfermagem. **Rev Gaúcha Enferm**. 2016. Disponível em  
<<http://www.seer.ufrgs.br/RevistaGauchadeEnfermagem/article/viewFile/55291/37252>>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

OLIVEIRA, C. T. de; DIAS, A.C. G. Dificuldades na Trajetória Universitária e Rede de Apoio de Calouros e Formandos. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, abr.-jun, 2014. Disponível em:  
<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/13347>>. Acesso em 18 de novembro de 2016.

OLIVEIRA, R. E. C. de; MORAES, A. Vivências acadêmicas e adaptação de estudante de uma universidade pública federal do Estado do Paraná. **R. Educ. Públ Cuiabá**. set./dez. 2015. Disponível em: <  
<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1796>>. Acesso em: 15 de maio de 2016.

OLIVEIRA, F. M. de M. et al. Inserção de egressos do curso de graduação em Enfermagem no mercado de trabalho. **S A N A R E, Sobral**, jan./jun. – 2014. Disponível em: < <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/439/293>>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

ORTEGA, M. C. B. et al. Formação acadêmica do profissional de enfermagem e sua adequação às atividades de trabalho. **Copyright Rev. Latino - Am. Enfermagem**, São Paulo, Maio/Jun. 2015. Disponível em: <

[http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n3/pt\\_0104-1169-rlae-23-03-00404.pdf](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v23n3/pt_0104-1169-rlae-23-03-00404.pdf)>. Acesso em: 15 de maio de 2016.

PIRES, A. da S. et al. A formação de enfermagem na graduação: uma revisão integrativa da literatura. **Ver enferm UERJ**, Rio de Janeiro, set/out. 2014. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v22n5/v22n5a20.pdf>>. Acesso em: 13 de maio de 2016.

RAMOS, A. M; BARLEM, J.G.T; LUNARDI, V. L. Satisfação com a experiência acadêmica entre estudantes de graduação em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, jan-mar, 2015. Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt\\_0104-0707-tce-24-01-00187.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n1/pt_0104-0707-tce-24-01-00187.pdf) >. Acesso em 21 de novembro de 2016.

RIBEIRO, M. C; MACHADO, A. L. O uso do método história oral nas pesquisas qualitativas: contribuições para a temática do cuidado em saúde mental. **Estudos e pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: < [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180842812014000200011&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S180842812014000200011&script=sci_arttext)>. Acesso em: 07 de maio de 2016.

RODRIGUES, E. O. L. et al. Situações e fatores de estresse em estudantes de enfermagem na prática clínica. **Invest. educ. enferm**, 2016. Disponível em: < [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0120-53072016000100023&lng=pt&nrm=isowww.fecolsog.org/ShowChannel.asp?ChannelId=300&lng=pt](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-53072016000100023&lng=pt&nrm=isowww.fecolsog.org/ShowChannel.asp?ChannelId=300&lng=pt) >. Acesso em 14 de novembro de 2016.

SÁ, C. et al. **Ensaio contemporâneos em saúde: uma perspectiva interdisciplinar**. Argos. Ed. da Unochapecó, Chapecó, 2013.

SAVIETO, R.M; LEÃO, E.R. Assistência em Enfermagem e Jean Watson: Uma reflexão sobre a empatia. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro Jan./Mar. 2016. Disponível em: < <http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em 18 de novembro de 2016.

SOUZA, M. C. B; SALOMON, A. S. C; LIMA, B. E. R. A prática do autocuidado pelo profissional docente enfermeiro. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**. 2014. Disponível em: < <http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/viewFile/765/pdf>>. Acesso em 20 de novembro de 2016.

SILVA, F. S. et al. Contribuições da história oral para o cuidado de enfermagem: revisão integrativa. **R. Enferm. Recom**, Nova Parnamirim, maio/agosto. 2014. Disponível em: < <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/recom/article/view/658>>. Acesso em: 26 de maio de 2016.

SILVA, V. L. dos S. et al. Fatores de estresse no último ano do Curso de Graduação em Enfermagem: Percepção dos Estudantes. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, jan/mar. 2011. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v19n1/v19n1a20.pdf>>. Acesso em: 12 de maio de 2016.

SILVA, M. J. et al. Formação em enfermagem: interface entre as diretrizes curriculares e os conteúdos de atenção básica. **Rev. Bras. Enferm**, Brasília Marc./Apr. 2011. Disponível em: < <http://www.facenf.uerj.br/v22n5/v22n5a20.pdf>>. Acesso em: 08 de maio de 2016.

SILVA, M. A. L. S. et al. Fatores de proteção para a redução da vulnerabilidade à saúde. **Revista Mineira de Enfermagem**. 2015. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1030>>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

SILVA, O. G; NAVARRO, E.C. A relação professor-aluno no processo ensino - aprendizagem. **Interdisciplinar: Revista Eletrônica da Univar**, 2012. Disponível em: < <http://www.conteudojuridico.com.br/artigo,relacao-professor-aluno-no-processo-pedagogico-a-importancia-da-comunicacao-interativa,35481.html>>. Acesso em 14 de novembro de 2016.

SOUSA, M. G. S. Importância da Afetividade na Relação Professor-Aluno.

**Psicologado Artigos**, 2016. Disponível em<

<https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/importancia-da-afetividade-na-relacao-professor-aluno>>. Acesso em 18 de novembro de 2016.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. URI, Erechim/Rs. Departamento das Ciências da Saúde. Curso de Graduação em Enfermagem. Projeto Pedagógico do Curso (PPC), 2015.

VALE, E. G; PAGLIUCA, L. M. F. Construção de um conceito de cuidado de enfermagem: contribuição para o ensino de graduação. **Rev. Bras. enferm.** Brasília, Jan./Fev. 2011. Disponível em: <  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71672011000100016](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672011000100016)>. Acesso em 08 de maio de 2016.

## APÊNDICE A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Comitê de Ética em Pesquisa  
CEP | URI Erechim



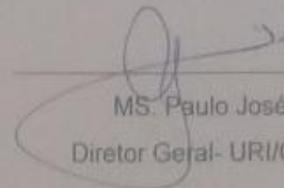
Eu Mestre Paulo José Sponchiado, abaixo assinado, responsável pela Direção Geral da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - Uri Campus de Erechim, autorizo a realização do estudo: Processo de vivências de aprendizagem de acadêmicos de enfermagem: perspectivas da história oral, a ser conduzido pelos pesquisadores abaixo relacionados. Fui informado(s) pelos responsáveis do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como a informação de dados pessoais dos egressos (endereço e telefone) da Graduação de Enfermagem que serão necessários para busca dos participantes da pesquisa.

A pesquisa será realizada por meio de uma entrevista semi estruturada sendo que os dados serão colhidos em cinco encontros com auxílio de um gravador. Os dados serão validados no início de cada encontro. A análise dos dados se fará através do método de análise das informações, optaremos pela análise de conteúdo temática conforme Maria Cecília de Souza Minayo, porque desenvolver a análise temática de uma pesquisa consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença signifique algo para o objeto analítico visado

Declaro ainda ter lido e concordado com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos

participantes de pesquisa nela recrutados, possibilitando condições mínimas necessárias para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Erechim, 25 de 08 de 2016

  
MS. Paulo José Sponchiado  
Diretor Geral- URI/Campus - Erechim

**Lista Nominal de Pesquisadores:**

Prof. Esp. Daliane da Silva Bertussi (Orientadora da pesquisa)

Prof. Ms. Angela Maria Brustolin (Co-orientadora)

Acadêmica de Enfermagem Fabiane Taina Ulkovski

**Observação:** todos os pesquisadores que vierem a participar do estudo deverão ter o seu nome informado. Poderá ser vedado o acesso à Instituição às pessoas cujo nome não constar neste documento.

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Comitê de Ética em Pesquisa  
CEP | URI Erechim



Fui convidado (a) como voluntário (a) a participar do estudo Processo de vivências de aprendizagem de acadêmicos de enfermagem: perspectivas da história oral, que tem como objetivo Compreender as vivências dos acadêmicos de enfermagem no que se refere ao processo de saúde/doença durante a graduação. A pesquisa está sob responsabilidade das pesquisadoras Fabiane Taina Ulkovski, Daliane da Silva Bertussi e Angela Maria Brustolin, da URI Erechim Departamento das Ciências da Saúde. Os pesquisadores acreditam que ela seja importante para compreensão dos sentimentos vivenciados durante o processo de formação dos acadêmicos de enfermagem para identificação dos processos de saúde-doença vivenciados nesta fase da vida, permitindo assim, reflexões acerca do processo de formação acadêmica em enfermagem.

A minha participação no referido estudo será de responder a entrevista solicitada pela pesquisadora, contribuindo para a mesma. Fui alertado de que, da pesquisa a se realizar, posso esperar alguns benefícios, tais como aquisição de novos olhares para os próximos acadêmicos que também irão passar por essa fase de formação e a reflexão de propostas de formação para comunidade acadêmica. Fui informado também, que é possível que aconteçam os seguintes desconfortos ou riscos como: o tempo que dispensei durante a participação nas entrevistas, a possibilidade de surgimento de sentimentos e emoções relacionadas aos momentos aos quais passei do início da graduação até o início de minha vida profissional. As medidas tomadas para que ocorra a diminuição destas, será a de, respeitar as minhas

condições emocionais, me dando o tempo adequado para as responder as perguntas e agindo de forma ética.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo. Os pesquisadores se responsabilizam pela guarda e confidencialidade destes dados, bem como a não exposição dos mesmos. Todos os documentos e dados físicos oriundos da pesquisa ficarão guardados em segurança por cinco anos e em seguida descartados de forma ecologicamente correta.

É assegurada a assistência durante toda pesquisa, bem como me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação. Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, e de, por desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo à assistência a que tenho direito.

A participação no estudo não terá nenhum custo para mim e não será disponibilizada nenhuma compensação financeira. No entanto, caso eu tenha qualquer despesa decorrente da participação na pesquisa, tais como transporte, alimentação entre outros, bem como a meu acompanhante (se for o caso), haverá ressarcimento dos valores gastos na forma seguinte: se pagará em moeda corrente o valor das despesas que forem necessárias. De igual maneira, caso ocorra algum dano decorrente da minha participação no estudo, serei devidamente indenizado, conforme determina a lei.

Fui esclarecido (a) de que o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que meus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. O CEP tem a obrigação de avaliar se a pesquisa foi planejada e se está sendo executada de forma ética. Se eu achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como fui esclarecido (a) ou que estou sendo prejudicado (a) de alguma forma, poderei entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da URI Erechim pelo telefone (54)3520-9000, ramal 9191, entre segunda e sexta-feira das 13h30min às 17h30min ou no endereço Avenida Sete de Setembro, 1621, Sala 1.37 na URI Erechim ou pelo e-mail [eticacomite@uricer.edu.br](mailto:eticacomite@uricer.edu.br).

Declaro que li e entendi todas as informações presentes neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e tive a oportunidade de discutir as informações deste termo. Todas as minhas perguntas foram respondidas e eu estou satisfeito com as respostas. Entendo que receberei uma via assinada e datada deste documento e que outra via assinada e datada será arquivada pelo pesquisador responsável do estudo.

Tendo sido orientado quanto ao teor deste estudo e compreendido a natureza e o objetivo do mesmo, manifesto meu livre consentimento em participar.

<b>Dados do participante da pesquisa</b>	
Nome:	
Telefone:	
E-mail:	

Erechim, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Prof. Esp. Daliane da Silva Bertussi  
Endereço: Rua Lava Pés 916, ap 401 Passo Fundo / RS  
Fone: 54 99323440

---

Prof. Ms. Angela Maria Brustolin  
Endereço: Rua Gladstone Osório Mársico, nº 23 Erechim / RS  
Fone: 54 99098928

---

Acadêmica Fabiane Taina Ulkovski  
Endereço: Rua Itália 289, ap 11 Erechim/ RS  
Fone: 54 99352337

## **USO DE IMAGEM**

Autorizo o uso de gravador para a realização da minha entrevista, bem como o uso deste áudio, para fins da pesquisa, sendo seu uso restrito para transcrição de minhas falas.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

---

Daliane da Silva Bertussi  
Endereço: Rua Lava Pés 916 ap 401 Passo Fundo / RS  
Fone: 54 99323440

---

Prof. Ms. Angela Maria Brustolin  
Endereço: Rua Gladstone Osório Mársico nº 23 Erechim / RS  
Fone: 54 99098928

---

Acadêmica Fabiane Taina Ulkovski  
Endereço: Rua Itália 289 ap 11 Erechim/ RS  
Fone: 54 99352337

## APÊNDICE C – FICHA DE ENTREVISTA

### **Entrevista semiestruturada: Processo de vivências de aprendizagem de acadêmicos de enfermagem: perspectivas da história oral.**

#### **1.0) PRIMEIRA ETAPA: ESCOLHA PELO CURSO.**

1.1) Eu gostaria que você contasse como escolheu o curso de enfermagem?

1.2) Para uso do pesquisador: 1.2.1 Investigar como foi o seu primeiro dia na universidade, o que sentiu a se apresentar para a turma, quais foram os seus primeiros sentimentos enquanto universitário. 1.2.2 Detalhar qual foi a primeira impressão que teve do curso, professores e colegas. 1.2.3 Detalhar qual foi a primeira dificuldade encontrada antes de iniciar as aulas práticas e como conseguiu superar. 1.2.4 Aprofundar como conseguia realizar outras atividades (se caso, houverem) tais como trabalhar, maternidade, paternidade, doenças, atividades relacionadas aos afazeres domésticos e família, ou outros que gostaria de lembrar.

#### **2.0) SEGUNDA ETAPA: VIVÊNCIAS DA PRÁTICA PROFISSIONAL E QUESTÕES FAMILIARES, FINANCEIRAS E PROCESSO SAÚDE/DOENÇA**

2.1) Eu gostaria que você contasse como foi o início nos campos de prática, que sentimentos lhe acompanharam nesta fase, teve alguma dificuldade de enfrentar os momentos em que entrou em campo enquanto estagiário? 2.2 Aprofundar: lazer, relações sociais, emocionais, econômicas. 2.3 Houve participação da sua família durante todo esse processo de formação, ou outras pessoas que lhe apoiaram neste período, de que forma? 2.4 Detalhar se faz uso de alguma bolsa de estudo, ou programas de financiamento que auxiliam na sua graduação, ou se não tiver consegue cumprir com as suas necessidades. 2.5 Explicar de que maneira consegue realizar o autocuidado no decorrer da graduação. 2.6 Verificar se durante todo o processo de formação teve que buscar orientação e encaminhamento em redes de apoio.

### 3.0) **TERCEIRA ETAPA: SENTIMENTOS DO FINAL DE CURSO**

3.1) Eu gostaria que você contasse como foi o término do curso, lembrando de todas as vivências que você teve nestes cinco anos qual a sua concepção em relação a formação em enfermagem. 3.2 Explorar aspectos relacionados aos sentimentos e emoções relacionadas ao período final da graduação e formatura.

Como foi a entrada no mercado de trabalho e como foi esta primeira experiência profissional? Sentiu-se capacitado profissionalmente para esta nova fase. Diante disto fale sobre as dificuldades e facilidades do processo de formação. No que os processo de formação lhe auxiliou? Quais as sugestões para esta instituição de ensino no que se refere ao processo de formação no curso de enfermagem. Quais as tuas expectativas e sonhos para o seu futuro profissional. Deixe uma mensagem para os acadêmicos de enfermagem.

## ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE REGIONAL  
INTEGRADA DO ALTO DO  
URUGUAI E DAS MISSÕES -



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** PROCESSO DE VIVÊNCIAS DE APRENDIZAGEM DE ACADÊMICOS DE ENFERMAGEM: PERSPECTIVAS DA HISTÓRIA ORAL.

**Pesquisador:** Daliane da Silva Bertussi

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 57339416.0.0000.5351

**Instituição Proponente:** Universidade Reg. Int. do Alto do Uruguai e das Missões - URI - Campus

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 1.680.254

#### Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa apresenta como tema central relatar as vivências dos acadêmicos de enfermagem durante o período de graduação, tendo como objetivo geral compreender as vivências dos mesmos no que se refere ao processo saúde - doença durante a sua trajetória acadêmica.

Quanto à metodologia, será pela abordagem qualitativa centrada a partir das contribuições da história oral temática.

A escolha dos colaboradores será a partir de um sorteio, onde cinco acadêmicos do décimo semestre do curso de graduação em enfermagem irão fazer parte da pesquisa, a coleta de dados será composta por cinco encontros, sendo o primeiro de aproximação e apresentação da pesquisa e após aceitação assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os próximos três encontros será realizada a Entrevista com auxílio de um gravador, e o último encontro será feita a validação da entrevista, onde o acadêmico vai reconhecer a sua fala transcrita.

No referencial teórico foram abordados os seguintes temas: Formação, Processo Saúde- Doença e Enfermagem. Espera-se como resultados para esta pesquisa identificar como os acadêmicos vivenciam esta fase da vida, trazendo para os professores e instituição formadora as experiências dos demais acadêmicos, a fim de permitir a aquisição de novos olhares, repensando as propostas de formação na comunidade acadêmica.

**Endereço:** Av. Sete de Setembro, 1621, prédio 12, sala 12.31.1

**Bairro:** Centro **CEP:** 99.700-000

**UF:** RS **Município:** ERECHIM

**Telefone:** (54)3520-9000 **Fax:** (54)3520-9090 **E-mail:** eticacomite@uri.com.br

UNIVERSIDADE REGIONAL  
INTEGRADA DO ALTO DO  
URUGUAI E DAS MISSÕES -



Continuação do Parecer: 1.680.254

A pesquisa aponta a necessidade de olhar o acadêmico de forma diferenciada e acolhedora, desde o ingresso na universidade até se deparar com as primeiras dificuldades, pois é um período cheio de desafios e obstáculos.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Compreender as vivências dos acadêmicos de enfermagem no que se refere ao processo saúde - doença durante a graduação.

Objetivo Secundário:

- Identificar as dificuldades e facilidades que interferem no processo de aprendizagem dos acadêmicos de enfermagem.
- Propor reflexões acerca do processo de formação acadêmica no curso de graduação de enfermagem.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: Institui-se como risco para os colaboradores, o desconforto em relação ao tempo que cada um dispensou para participar das entrevistas. Além disto, há possibilidade de surgir sentimentos e emoções relacionadas aos momentos de dificuldades, as quais, o colaborador possa ter vivenciado desde o início da graduação até a fase de conclusão. Desta forma, entenderemos e respeitaremos as condições emocionais do entrevistado, agindo de forma sensível e ética.

Benefícios: A participação na pesquisa acarretará como benefício tanto para os novos egressos do curso bem como para os professores e instituição de ensino, as dificuldades vivenciadas dos acadêmicos o que possibilitará a aquisição de novos olhares para o processo de formação frente as metodologias hoje aplicadas.

Para a pesquisadora os benefícios constituem-se uma oportunidade de avaliação e reflexão do processo de formação. Para o meio científico a pesquisa tem o intuito de permitir que esta possibilite futuras pesquisas que permitam formulação de novas metodologias no processo de educação associadas ao processo de saúde e doença dos discentes.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa proposta é factível, relevante para a área de inserção e manifesta a preocupação do

**Endereço:** Av. Sete de Setembro, 1621, prédio 12, sala 12.31.1  
**Bairro:** Centro **CEP:** 99.700-000  
**UF:** RS **Município:** ERECHIM  
**Telefone:** (54)3520-9000 **Fax:** (54)3520-9090 **E-mail:** eticacomite@uri.com.br

UNIVERSIDADE REGIONAL  
INTEGRADA DO ALTO DO  
URUGUAI E DAS MISSÕES -



Continuação do Parecer: 1.680.254

pesquisador com relação as dificuldades encontradas pelos acadêmicos durante a sua formação e busca propor melhorias tanto na área docente quanto discente.

A metodologia está muito bem detalhada, e o projeto como um todo com bastante qualidade.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Foram apresentados os documentos necessários e corretamente preenchidos.

**Recomendações:**

----

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Foram apresentados os documentos necessários e realizadas as correções mais relevantes que garantem qualidade metodológica e ética ao projeto.

Cara autora, quanto ao recurso, sugiro uma melhor leitura e interpretação das avaliações do CEP, para evitar trabalhos desnecessários em outros momentos, embora a revisão que realizaste sobre a metodologia possa ter acrescentado para os seus conhecimentos. A orientação quanto ao objetivo principal não estava relacionada ao verbo "compreender" e sim a outras questões, tanto que o referido verbo em nenhum momento foi citado na lista de pendências muito menos feito menção ao mesmo. Porém, mesmo parecendo não compreender as sugestões do CEP a autora realizou modificações nos objetivos que, agora, apresentam-se adequados.

Apenas como sugestão, o CEP contribui solicitando que a autora esclareça, no objetivo principal, ao que o termo saúde-doença se refere, se é relacionado ao que os acadêmicos vivenciam ou ao que eles podem vir a desenvolver? E corrigir a expressão "saúde-doença" pois não deve ser escrita de forma separada.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Tendo em vista a legislação vigente, devem ser encaminhados ao CEP-URI relatórios parciais anuais referentes ao andamento da pesquisa (quando for o caso) e relatório final ao término do trabalho. Qualquer modificação do projeto original deve ser apresentada a este CEP, de forma objetiva e com justificativas, para nova apreciação, via emenda.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_744518.pdf	07/08/2016 12:13:25		Aceito

**Endereço:** Av. Sete de Setembro, 1621, prédio 12, sala 12.31.1

**Bairro:** Centro **CEP:** 99.700-000

**UF:** RS **Município:** ERECHIM

**Telefone:** (54)3520-9000 **Fax:** (54)3520-9090 **E-mail:** eticacomite@uri.com.br

UNIVERSIDADE REGIONAL  
INTEGRADA DO ALTO DO  
URUGUAI E DAS MISSÕES -



Continuação do Parecer: 1.680.254

Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	07/08/2016 12:13:08	Daliane da Silva Bertussi	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	RecursoCEP.docx	07/08/2016 12:12:11	Daliane da Silva Bertussi	Aceito
Declaração de Pesquisadores	ApendiceC.docx	07/08/2016 12:12:04	Daliane da Silva Bertussi	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	ApendiceB.docx	07/08/2016 12:11:48	Daliane da Silva Bertussi	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	ApendiceA.docx	07/08/2016 12:11:31	Daliane da Silva Bertussi	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoRC.docx	07/08/2016 12:11:00	Daliane da Silva Bertussi	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

ERECHIM, 16 de Agosto de 2016

---

**Assinado por:**  
**CLAODOMIR ANTONIO MARTINAZZO**  
(Coordenador)

**Endereço:** Av. Sete de Setembro, 1621, prédio 12, sala 12.31.1  
**Bairro:** Centro **CEP:** 99.700-000  
**UF:** RS **Município:** ERECHIM  
**Telefone:** (54)3520-9000 **Fax:** (54)3520-9090 **E-mail:** eticacomite@uri.com.br